



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

KAMILLY SOUZA DO VALE

**A RELAÇÃO CONJUGAL EM DEBATE: UMA ANÁLISE
GESTÁLTICA**

Belém

2011

KAMILLY SOUZA DO VALE

**A RELAÇÃO CONJUGAL EM DEBATE: UMA ANÁLISE
GESTÁLTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará. Orientada pela Prof^a. Dra. Adelma Pimentel.

Belém

2011

KAMILLY SOUZA DO VALE

A RELAÇÃO CONJUGAL EM DEBATE: UMA ANÁLISE GESTÁLTICA

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Adelma Pimentel (Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Terezinha Mello Da Silveira (UERJ)

Prof^ª. Dr^ª. Airle Miranda (UFPA)

Prof. Dr. Carlos Maciel (UFPA) Suplente

Belém

2011

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(BIBLIOTECA DE PÓS-GRADUAÇÃO DO IFCH/UFGA, BELÉM-PA)

VALE, KAMILLY SOUZA DO

A relação conjugal em debate: uma análise gestáltica/ Kamilly Souza do Vale ; orientadora, Adelma Pimentel. - 2011.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belém, 2011.

1. Gestalt-terapia. 2. Relações homem- mulher. 3 Casamento. 4. Casais. I. Título.

CDD - 22. ED. 616.8943

*Aos meus clientes que a cada encontro despertam em mim
o desejo pelo aperfeiçoamento profissional*

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da fé, por ser fonte de suporte em todos os momentos, principalmente nos mais difíceis.

Aos meus pais, Helena e Maurício do Vale, que me deram o dom da vida, por serem a representação do amor incondicional, pela convivência baseada no respeito, pelos ensinamentos mais sublimes, pelo investimento feito ao longo da minha vida e por confiarem em mim. Eu amo vocês.

A minha irmã Karlena do Vale por ser o presente mais lindo que a vida me deu, a companheira de todas as horas, a melhor amiga, a docilidade e a elegância em forma de gente.

Aos meus avós, Dico e Zica, por serem o referencial maior do respeito mútuo numa vida compartilhada a dois.

A minha tia Rosa Maria que é minha segunda mãe, pelo acolhimento, pela convivência e pela estrutura disponibilizada no período em que estive no Rio de Janeiro. Tia linda, jamais me esquecerei de todos os momentos vividos. Muito Obrigada!

À professora Dr^a. Adelma Pimentel, por despertar em mim o desejo pela pesquisa em psicologia, pelas orientações e por todas as contribuições feitas nesta dissertação. Obrigada pela confiança depositada.

À amiga Wanderlea Ferreira, pelo encontro genuíno estabelecido desde o primeiro contato. Pelo incentivo constante em minha vida profissional e por ter sido a maior incentivadora neste mestrado. Flor, obrigada por cada escuta, cada troca e por cada momento compartilhado.

Às minhas amigas-irmã Emanuelle Carvalho, Tatiane Freitas e Paula Narjara pela presença constante, pelo amor amigo, pelo suporte na vida e por serem fonte de nutrição emocional sempre.

Aos amigos e às amigas Luana Rodrigues, Andreza Lavareda, Wania Guimarães, Krislley Castilho, Natasha Mello, Caleste Monteiro, Lia Silva, Tamy Yana, Tamara de Fátima, Luciana Castelo Branco, Laurimar, Sônia Bezerra, Beth Carvalho, Jane Farias, Michelle Jacob, Kelen Santos, Elielza Paiva, Sarah Graziella, Daniela Barbosa, Eduardo Martins, Igor Randel, Érika Bechara, Storni Junior, por celebrarem a vida comigo, pelo incentivo, apoio, amor manifestado em diversas formas, e principalmente, por compreenderem meus momentos de ausência.

Ao amigo pesquisador Evanildo Monteiro pela presença constante lado a lado desde a prova para a seleção do mestrado, pelo compartilhar das angústias, pela amizade disponibilizada.

Ao primo e amigo Sérgio do Vale que voltou para minha vida há pouco tempo, mas que parece nunca ter estado fora dela. Primo, obrigada por toda a escuta disponibilizada, pela força nos momentos de dificuldade, pelas longas conversas, pelas tardes regadas a suco de laranja e pela visita no Rio de Janeiro.

Aos amigos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Pará e do PROCAD: Patrícia Nunes, Igor Francês, Alessandro Bachinni, Alex Miranda, Sâmea Quebra e,

principalmente, Amanda Cruz e Ronildo Silva, por todos os momentos compartilhados no Rio de Janeiro, por cada encontro e por serem fonte de apoio nos estudos e na vida pessoal. Queridos, a cidade maravilhosa jamais esquecerá nossa passagem por lá!

À professora Dr^a. Junia de Vilhena que conduziu com competência e humildade o grupo do PROCAD na PUC do Rio de Janeiro. Obrigada pela disponibilidade, pelo trato com respeito e acolhimento, pela postura aberta e sincera.

Às colegas Beatrice Marinho e Débora Uhr da PUC-Rio pela leitura e contribuição nesta dissertação.

À amiga Anna Carolina Braga, pela disponibilidade desde o primeiro contato na PUC-Rio. Querida, jamais esquecerei o primeiro sorriso a uma estranha que veio do norte.

Às amigas “pariocas” Clarice Sfair, Danielle Santos, Mariana Lima e Renata Azevedo pelo acolhimento, pela presença constante nos finais de semana, pela amizade e por serem como uma família no Rio.

Ao Ney, secretário do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, pela competência com que organiza a secretaria, pelo acolhimento e pela alegria constante. Querido, obrigada por tudo. És um anjo da guarda.

Às professoras Dr^a. Airle Miranda e Teresinha Mello da Silveira, pelas valiosas contribuições no momento da qualificação do projeto.

Aos participantes da pesquisa que disponibilizaram do seu tempo para que os dados empíricos usados nesta investigação pudessem emergir.

À minha psicoterapeuta Márcia Pimenta por me oportunizar entrar em contato com o que há de melhor e de pior em mim.

À Ray, que há 10 anos é nossa colaboradora organizando as questões domésticas. Muito Obrigada!

Ao meu “Amor” pelo compartilhar, pela troca e crescimento no contato contigo, por me mostrar uma forma de amar livre e transformadora.

*Atrás e à frente de cada casal humano
estende-se uma longa cadeia de erros e acertos
geradores de humanidade.
Lya Luft*

RESUMO

A relação conjugal é o tema desta pesquisa, ressaltando a problemática de identificar as percepções do casal acerca do que mantém o casamento. De modo geral, objetivei compreender os motivos que mantinham o casal junto. Pesquisar sobre o casamento e os estudos da subjetivação de gêneros faz-se necessário para compreender a complexidade das influências que as mudanças ocorridas na sociedade ecoam nos papéis sociais e nas relações entre homens e mulheres. Estas transformações reverberaram social, econômica e culturalmente, implicando em uma crise na masculinidade e, dentre outros campos, nos princípios que norteiam a família e, conseqüentemente, no casamento, no cuidado e na opção de gerar filhos. Os procedimentos teórico-metodológicos consistiram em: a) submissão do projeto ao Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde; b) seleção dos sujeitos por meio da rede de relações da pesquisadora; c) contato telefônico ou presencial preliminar com os informantes para obter a concordância verbal em participar da pesquisa; d) encontro pessoal com os sujeitos para explicar os objetivos da pesquisa e entregar o termo de consentimento livre e esclarecido, documento explicativo que resume os objetivos da investigação; e) realização das entrevistas que foram gravadas em áudio e transcritas. Quanto às análises, considerei as orientações de Minayo (1992). Os informantes foram 3 casais com 4 a 6 anos de união, com filhos, e idade entre 30 a 40 anos. Foi realizada uma análise gestáltica. O resultado aponta para a conclusão de que o casamento na sociedade pós-moderna deixa de ser uma vinculação pela via da obrigatoriedade, passando a permear uma escolha saudável e autônoma favorecendo a emergência de elementos como o amor, a confiança, o diálogo, a escuta e, conseqüentemente, uma interação dentro das relações de intimidade mais saudável.

Palavras-chave: Relação Conjugal, Casais, Gestalt-terapia, Gênero;

ABSTRACT

The marital relationship is the subject of this research, highlighting the problem of identifying the couple's perceptions about what keeps the marriage. In general, to understand the reasons that kept the couple together. When searching for the marriage, the studies of gender subjectification is needed to understand the complexity of the influences, changes in society, echoed in the social roles and relationships between men and women. These changes reverberated socially, economically and culturally, leading to a crisis in masculinity, among other fields, the principles that guide the family and therefore the marriage in the care and choice to bear children. The theoretical and methodological procedures consisted of: a) project submission to the Ethics Committee of the Center for Health Sciences, b) selection of subjects by the researcher's network of relationships, c) telephone or in person with the primary informants for verbal agreement to join the study d) personal encounter with the subjects to explain the research objectives and deliver the term of consent, explanatory document which summarizes the goals of research, e) that the interviews were audio taped and transcribed. As the analysis it was considered the guidelines of Minayo (1992). The informants were three couples with 4-6 years of marriage, with children, aged between 30 and 40. Gestalt analysis was performed. The result points to the conclusion that marriage in postmodern society ceases to be a binding obligation by way of passing the permeate a healthy choice and favoring the emergence of autonomous elements such as love, trust, dialogue, listening and hence an interaction within intimate relationships healthier.

Keywords: marital relationship, Couples, Gestalt- therapy, Gender

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| I – RELAÇÃO CONJUGAL EM DEBATE: UMA ANÁLISE GESTÁLTICA | 18 |
| II – PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS | 41 |
| III – RESULTADOS E DISCUSSÃO | 46 |
| 3.1 – PERFIL DOS INFORMANTES | 46 |
| 3.2 - OS CASAIS SE EXPRESSAM | 47 |
| 3.2.1 - Visão Atual do Casamento: Estabilidade, Maturidade x Crise | 48 |
| 3.2.2 – Expectativas da Relação Conjugal..... | 50 |
| 3.2.2.1– Ausência de Expectativa..... | 51 |
| 3.2.2.2– Amor Idealizado | 51 |
| 3.2.2.3 – Constituir Família..... | 52 |
| 3.2.3 – Questões Transgeracionais | 53 |
| 3.2.3.1 – Fidelidade no Casamento | 53 |
| 3.2.3.2 – O Homem Como Provedor da Família..... | 54 |
| 3.2.3.3 – Família Confluente | 54 |
| 3.2.3.4 – Confiança, Companheirismo e a Criatividade..... | 55 |
| 3.2.4 – Conflitos..... | 55 |
| 3.2.4.1 – Filhos | 56 |
| 3.2.4.2 – Dinheiro | 57 |
| 3.2.4.3 – As Diferenças | 58 |
| 3.2.5 – Estratégias Para Resolução Do Conflito..... | 59 |
| 3.2.5.1 – Comunicação | 59 |

| | |
|--|-----------|
| 3.2.5.2 – Investimento na Relação..... | 60 |
| 3.2.6 – Limites para Permanecer na Relação..... | 60 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 62 |
| REFERÊNCIAS | 69 |
| ANEXOS | 74 |

INTRODUÇÃO

Os temas que envolvem as relações amorosas e as questões que perpassam pela subjetividade masculina e feminina sempre foram alvos de interesse do senso comum, de especialistas em sociologia, antropologia e não é algo recente, dentro da pesquisa em psicologia.

Ao despertar meu interesse pela pesquisa nesta área, pensei em falar sobre o casamento, porém não queria fazer uma revisão histórica das formas de contratos civis, sobretudo por ele ser uma invenção da modernidade criada para proteger a herança e os homens, mantendo a hegemonia e o poder patriarcal, tampouco da história da família (D'NICAIO, 1996; TRIGO, 1989; FERREZ-CARNEIRO, 2003; OLTRAMARI, 2009; GONÇALVES, 1999). Embora os dois temas atravessem como fundo a obra.

Problematizei o amor e o afeto que circulam durante o namoro com uma força que parece minar e adquirir uma fragilidade intensa até, algumas vezes, perecer após os primeiros anos de casamento. Atualmente, este fato acontece cada vez mais cedo, devido à intolerância e à pressa, entre outros fatores.

Perenizar o afeto, gerar vida na forma de solidariedade e atos, é uma meta que exige das famílias e dos sujeitos novos processos de subjetivação, em que a intencionalidade seja orientada para manter a abertura da fronteira de contato, para estabelecer vínculos e a relação conjugal em bases dialógica e entre alteridades.

O que mata o amor? A falta de comunicação? A violência física e psicológica? Os maus tratos? Quais as formas que os conflitos assumem? Essas são algumas inquietações que me acompanham nesta dissertação: a mulher Kamilyly e a pesquisadora que finalizam este mestrado.

Para Cardella (1994, p. 13), o amor sempre se caracterizou como uma das questões existenciais básicas do ser humano; é um dos maiores desejos e uma busca permanente. (...) as dificuldades relacionadas ao amor são inúmeras, e sempre fizeram parte da realidade humana. São vastas as pesquisas nesta área. Mais recentemente, as temáticas investigadas giram em torno das dificuldades na convivência conjugal, as crises no casamento contemporâneo, a fragilidade nos vínculos, novas formas de união etc. (GIDDENS, 1993; BUCHER, 1996; JABLONSKY, 1998; SILVEIRA, 1998; FERREZ-CARNEIRO, 1998; BAUMAM, 2003; FERREZ-CARNEIRO 2003; GARCIA e TASSARA, 2008; CARDELLA, 2009).

Durante e após a qualificação, confirmei a questão da pesquisa: o Amor. A relação conjugal é o tema desta pesquisa, ressaltando a problemática de identificar as percepções do casal acerca dos sentimentos que mantêm a relação e dos conflitos que vivenciam. De modo geral, objetivei compreender os motivos que mantêm o casal junto.

É fato que mulheres e homens, na atualidade, percebem-se diante da necessidade de reconfigurar de diversas formas suas relações, tanto em termos objetivos quanto subjetivos (FRAZÃO; ROCHA, 2005, p. 20). Deste modo, faz-se necessário pesquisar sobre o casamento e estudos acerca da subjetivação de gêneros para compreender a complexidade das influências que as mudanças ocorridas na sociedade ecoam nos papéis sociais e nas relações entre homens e mulheres.

Ao pesquisar a conjugalidade, procuro compreender alguns aspectos das complexas transformações ocorridas na sociedade, que refletem repercussões na família, pois as questões enfrentadas pelo casal durante o matrimônio reverberam, não somente na vida de ambos, mas na vida dos filhos (caso existam), nas questões jurídicas, na economia e nas relações estabelecidas. Tais influências também geram alterações na família.

No Brasil, os conflitos conjugais atuais inserem-se no quadro de transformações ocorridas desde o início do século e que se acentuam na década de 1960, quando movimentos sociais decisivos estremecem o modelo matrimonial vigente e trazem conflitos e crises ao relacionamento do casal, cenário bem observado nos dias de hoje. A classe média urbana é sacudida pela emergência de novas regras e novos valores que põem os casais diante de antagonismos, ambigüidades e paradoxos firmados entre a manutenção de um modelo de casamento bem conhecido e a descoberta de outros modelos alternativos (SILVEIRA, 1998, s/p).

Entende-se, nesta pesquisa, que as uniões podem ser viabilizadas concomitantemente do modo formal, casamento ou por meio da convivência marital sem formalizações. Até pouco tempo, o casamento formal era visto e considerado como um laço eterno (FERÉS-CARNEIRO 2003, JABLONSKY, 1998).

Segundo a Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no período de outubro de 2008 e setembro de 2009, há no Brasil mais indivíduos casados do que solteiros. A pesquisa concentrou-se numa amostra de população com sujeitos maiores de 15 anos, que totalizam pouco mais de 145 milhões de pessoas. Os dados obtidos revelam que nesse grupo há cerca de 66,6 milhões de casados, 62,2 milhões de solteiros, 7,8 milhões de divorciados e 8.623 viúvos.

Porém, também, segundo o IBGE, censo de 2008, o número de dissoluções chega a 290.963, incluindo os divórcios e as separações. Estes dados apontam a desconstrução do mito de que o casamento formal é indissolúvel.

No casamento contemporâneo, os ideais do amor romântico tendem a se fragmentar, sobretudo pela pressão da emancipação da mulher e da autonomia feminina. As categorias de "para sempre e único" do amor romântico, não prevalecem na conjugalidade contemporânea (FERES-CARNEIRO, 1998, p. 385)

A partir dos dados do IBGE (2008), verifica-se que houve um aumento do número de dissoluções, bem como um aumento do número de casamentos e recasamentos nos últimos 10 anos. Isto é, mais um indicativo para a observação da mudança ocorrida nas relações familiares. Em contrapartida, ao se avaliar o cenário nacional, observa-se que a taxa de nupcialidade no Pará é a segunda menor (4,4%), ficando atrás, apenas do Rio Grande do Sul (4,5%).

“O que pode significar tal indicador quantitativo?” foi uma indagação imediata. Entretanto, considerando que a informação demanda o exame qualitativo dos fatores que interferem na queda apontada pelo IBGE, no momento apontarei uma possível questão, de posterior pesquisa: Quais as formas de arranjos conjugais os paraenses estão vivenciando?

Retomando a temática desta pesquisa, indago-me acerca da efemeridade das relações conjugais. Bauman (2007) denomina a coletividade contemporânea como “líquida”. O autor afirma que vivemos um momento em que o vínculo e a consistência não são levados em conta. Aponta que o sujeito contemporâneo tem como princípio básico o desejo de modernizar-se e isso pode significar descartar o que não faz mais sentido, sem considerar o outro na relação. Uma fragilidade nos vínculos se faz presente, os valores são voláteis e não há preocupação com o futuro.

Tendo como base o mundo de hoje é possível dizer que mudanças avassaladoras e profundas de valores, de comportamentos e de identidades vêm acontecendo. Desta forma as modificações ocorridas ao longo do tempo possibilitaram o desencadeamento, na contemporaneidade, de novos tipos de relacionamentos muito mais efêmeros, frágeis e superficiais (LINO, 2009, p. 3)

Estas perspectivas vão ao encontro dos dados apontados pelo IBGE, bem como pelas mudanças recentes na legislação brasileira na qual a lei 6.515/77 denominada de *Lei do divórcio*, modificada em julho de 2010, a partir da emenda constitucional 66/2010, que permite

o divórcio para casais sem filhos, sem exigência de tempo. Anteriormente era necessário um primeiro processo para conseguir a separação e um segundo para divorciar, agora só a segunda etapa é exigida.

Diante deste cenário, observa-se que uma característica basilar da sociedade pós-moderna é a ruptura com o modelo tradicional de casamento, a qual gera uma maleabilidade, uma “liquidez”, nas relações e a possibilidade de experimentar novas formas de união. Obviamente, ressalta-se que não há uma linearidade nesta perspectiva, isto é, convivem vários arranjos conjugais ao mesmo tempo: casamentos, namoros, viver junto, morar em casas separadas, recasar, uniões homossexuais etc.

Nessa perspectiva a complexidade da dinâmica familiar traduz-se de forma inquestionável na maneira com que seus membros interagem. Com todo esse aparato de diversidade, o amor, o afeto, enfim, os sentimentos passam a ser também um desafio tendo em vista que aprender a respeitar e a entender as diferenças, aprender a educar os filhos, dentro de suas limitações e dificuldades é algo que exige um esforço cada vez maior por parte de todos os membros da família contemporânea (LINO, 2009, p.3).

Assim, o casamento contemporâneo passa pela necessidade de enfrentar estes desafios, na tentativa de manter-se como um dos arranjos possíveis nas relações conjugais, na qual ainda se mantêm alguns valores tradicionais, simultaneamente, com as mudanças e as transformações apontadas.

O interesse pela investigação das relações amorosas capturou-me por meio de duas vias: 1) a vivência de angústias e sentimentos oriundos das próprias relações afetivas estabelecidas; 2) escutas informais dos relatos de amigos e familiares. Na graduação, durante os intervalos das aulas e nos encontros de final de semana, as conversas circulavam em torno das seguintes temáticas: namoros, afetos, desafetos e casamento; enfim, as questões que envolviam o casal – a singularidade existencial de cada sujeito, o homem e a mulher, a interação afetiva e, por fim, a escolha de manter o vínculo.

Com a inserção no mercado de trabalho, a temática tornou-se uma preocupação ressaltada com a atuação na clínica psicoterápica gestáltica. Passei a atender casais e mulheres que traziam ao consultório queixas relacionadas às rupturas no vínculo amoroso, bem como à dificuldade nas interações entre homem e mulher na convivência diária, a partir do enlace matrimonial. Observei que a instituição casamento encontra-se profundamente afetada e, deste modo, a pesquisa intenta desvelar algumas percepções sobre as relações conjugais.

Assim, a vivência, a prática clínica e a inserção no mestrado tornaram-se as bases para formular a questão da pesquisa: compreender a perspectiva dos casais acerca do casamento, ressaltando especialmente uma preocupação com os subtemas da separação e da vinculação. Elegemos como informantes os casais formalmente casados.

Deste modo, o objetivo geral da pesquisa foi verificar o que mantém o casamento; e os objetivos específicos foram: investigar o modo que o casal vivencia a união; qual a compreensão do casal sobre a escolha de casar; identificar as expectativas acerca da relação conjugal; as percepções sobre conflitos e as estratégias para a resolução destes.

Para fundamentar a pesquisa, realizou-se uma revisão da literatura que envolve os temas sobre questões de gênero, mudanças da forma de união e a ancoragem teórica para as reflexões foi fornecida pela abordagem gestáltica que busca concentrar na estrutura da situação concreta; preservar a integridade da concretude encontrando a relação intrínseca entre fatores socioculturais, animais e físicos (PERLS, HEFFERLINE & GOODMAN, 1997, p. 50).

Assim, ao buscar entender o homem em relação, a abordagem gestáltica busca compreender as questões sociais emergentes nas relações vivenciadas. Nesta pesquisa, o casamento foi escolhido como o contexto no qual estas relações serão investigadas.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa de base fenomenológico-existencial-gestáltica e hermenêutica. Sobre a pesquisa qualitativa Pimentel, Oliveira e Araújo (2009), revelam que:

Para responder a questão investigada o pesquisador pondera os níveis constitutivos dos processos de subjetivação individual: condição subjetiva; síntese da história pessoal e social; e o desenvolvimento na sociedade produzindo ação/transformação da subjetividade social entendida como sistema de relações estruturais, dialógicas e de comunicação (PIMENTEL, OLIVEIRA & ARAÚJO, 2009, p. 31).

Os procedimentos teórico-metodológicos consistiram em: a) submissão do projeto ao Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (UFPA); b) seleção dos sujeitos por meio da rede de relações da pesquisadora; c) contato telefônico ou presencial preliminar com os informantes para obter a concordância verbal em participar da pesquisa; d) encontro pessoal com os sujeitos para explicar os objetivos da pesquisa e entregar o termo de consentimento livre e esclarecido, documento explicativo que resume os objetivos da investigação; e) realização das entrevistas que foram gravadas em áudio e transcritas. Quanto às análises, considere as orientações de Minayo (1992) acerca do entendimento da

pesquisa qualitativa.

Os informantes foram 3 casais com filhos, união conjugal entre 4 a 6 anos, idade entre 30 a 40 anos. Este período de união foi delimitado por considerarmos que 4 anos é um período de convivência que já permitiu ao casal estabelecer arranjos para manter o casamento e ter pelo menos um filho.

A presente dissertação está desenvolvida em cinco seções: (I) Uma parte introdutória; (II) no Capítulo 1, realizamos uma análise gestáltica do casamento através de um gancho teórico com os principais conceitos desta abordagem. Utilizamos os conceitos de *contato*, *campo*, *fronteira de contato* e *ajustamento criativo*, sendo estes trabalhados enquanto *fundo*, e o casamento, a *figura*. Evidencia-se o casamento em suas polaridades: ou fonte de encontro e de nutrição emocional ou fonte de opressão e aniquilamento, alcançando, no caso mais extremo, a violência conjugal; para fundamentar as questões levantadas, abordam-se os processos de subjetivação de gêneros, fazendo um panorama das mudanças ocorridas na sociedade, a partir da emancipação feminina e da crise na masculinidade; a subjetivação e condição masculina e feminina e entre gêneros, conseqüentemente¹, as transformações na família, na geração e cuidado com os filhos; e a ruptura com o modelo tradicional de casamento, e novos arranjos familiares; (III) nesta etapa, discorre-se sobre a descrição dos procedimentos teórico-metodológicos para a elaboração da pesquisa; (IV) nesta seção, apresenta-se a análise dos dados coletados, a partir da compreensão da abordagem gestáltica; (V) neste ponto, demonstram-se as conclusões do debate decorrentes das análises e apresentamos as considerações finais.

O estudo possibilitou elaborar uma reflexão gestáltica acerca da relação conjugal para contribuir com a comunidade científica e para que psicoterapeutas aprimorem suas intervenções clínicas com casais.

¹ Utiliza-se a Nova Ortografia da Língua Portuguesa vigente a partir de 2010, exceto nas citações, pois, manteve-se a grafia do original.

I – RELAÇÃO CONJUGAL EM DEBATE: UMA ANÁLISE GESTÁLTICA

Os estudos científicos, a ação social, a pesquisa produzida pelos movimentos feministas, pelas lideranças sociais e pelos grupos de pesquisadoras das universidades públicas e privadas, possibilitaram reflexões e consideráveis mudanças acerca das interações sociais. Estas transformações reverberaram social, econômica e culturalmente, implicando em uma crise na masculinidade e, dentre outros campos, nos princípios que norteiam a família e, conseqüentemente, no casamento, no cuidado e na opção de gerar filhos.

Assim, o amor, às vezes, resiste, às vezes, fenece. Deste modo, as subjetividades atravessam “crises”, pois a condição feminina e a condição masculina são instáveis. Neste capítulo, apresenta-se o entrelaçamento entre o pensamento gestáltico, trechos de uma literatura sobre o processo de subjetivação de gêneros e conjugalidade, selecionada dentre o rico material disponível publicamente para constituir a base analítica do diálogo com os dados empíricos da coleta de dados.

Para a abordagem gestáltica, o campo é o lugar onde as relações se estabelecem, onde o indivíduo dá sentido à sua existência. Assim, a noção de campo proposta por Lewin, está relacionada à visão holística de homem, pois considera que há interação contínua entre os vários níveis que compõem um dado campo, uma vez que o homem é um ser de relação e produto das representações do seu campo vital. Segundo Yontef (1998),

O relacionamento é inerente à existência, de forma como nós conhecemos. Do ponto de vista de uma teoria de campo, tudo o que existe consiste de uma teia de relacionamentos. Um campo é uma teia de relacionamentos e existe num contexto de teias de relacionamentos ainda maior (YONTEF, 1998, p. 186).

A Gestalt-Terapia é fundamentada na concepção de um homem holístico relacional, ou seja, o indivíduo vive em constante estado de relacionar-se consigo mesmo, com o mundo e com as pessoas que estão ao seu redor. Influenciando e sendo influenciado pelo meio no qual está inserido.

Na afirmativa, “embora não haja nenhuma função do organismo que não seja essencialmente um processo de interação no organismo/ambiente”, Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 205) referem-se à teoria de campo, a qual afirma que o comportamento é função do campo que existe no momento em que ele ocorre. Sendo, portanto, o casamento, o campo relacional do casal, é neste campo que irão ocorrer às interações que emergem no contexto de cada sujeito.

Na sociedade moderna, verificamos que a liberdade, o respeito pela individualidade e o acolhimento nas diferenças, nos acordos e contratos conjugais tendem a contribuir para relações saudáveis, no qual a construção mútua, o senso de responsabilidade e de compromisso consigo e com outro, fazem-se presentes. Corroborando com esta perspectiva, Silveira (1998) reitera que:

A vida compartilhada, própria das pessoas que se amam, é construída, como já foi visto, mediante nova linguagem, novas regras que definem as peculiaridades de um casal. Na vida conjugal existe um ritmo de autonomia e dependência mútua que, mesmo sem comunicação explícita, favorece o “viver com”, de um lado, e a vivência da individualidade, do outro (SILVEIRA, 1998, p.47).

A confiança é um elemento fundamental para que os casais consigam levar adiante projetos conjugais, neste momento atual em que a não-durabilidade das relações afetivo-sexuais e a fragilidade dos vínculos são encontradas. Este elemento não antecederia a relação, mas seria construído com o outro de forma processual e de autorrevelação.

Segundo Cardella (2009, p. 57), assim como a vida, pela qual somos responsáveis, uma relação necessita do cultivo de ambos os parceiros para durar e bem durar; mas seu destino transcende todas as tentativas de controlar e determinar os acontecimentos. Individualmente ou enquanto casal, o ser humano passa por crises existenciais, conflitos, pontos de tensão, desafios dificuldades na comunicação, dentre outros problemas que emergem na tentativa de ter a consciência de si e oportunizar crescimento.

A despeito do que ocorre no namoro, durante o casamento acontecem mudanças na relação, dentre as quais: a dificuldade de corresponder às expectativas do outro; a desconstrução das idealizações sobre a vida conjugal; as demandas geradas com a chegada dos filhos; e a comunicação estabelecida entre o casal, que tende a mudar, à medida que novos papéis são inseridos na vida de ambos.

Muitos casais descobrem que morar juntos é bem diferente dos fins de semana e das férias que haviam partilhado. Precisam encaminhar, entre outras questões, como por exemplo, se há espaço para amizades individuais, o manejo das finanças, a frequência sexual, as visitas aos sogros e a divisão das tarefas domésticas (FALCETO & VALDEMAR, 2001, p. 64).

Acerca do nascimento dos filhos, a literatura revela que os casais tendem a passar por momentos de dificuldades na adaptação de uma nova configuração familiar, na qual saem do

lugar de casal, passando a ser família. Este é um momento permeado por sentimentos paradoxais, pois convivem com a alegria de conceber um filho e os medos e dificuldades em cuidar do mesmo. Sobre este aspecto, Falceto e Valdemar (2001, p. 65) confirmam que “as grandes demandas físicas e emocionais geradas pela presença do bebe podem desestabilizar o casal”.

A organização de todas essas necessidades requer do casal uma postura madura, pois é fundamental que ambos abdicuem de questões individuais em prol do coletivo (casal/família), o que não é valorizado pela sociedade atual. Aspecto confirmado por Ghilard-Lucena (2008, p. 14), ao afirmar que tradicionalmente, as pessoas identificavam-se em função do coletivo; na modernidade, o fazem em função da individualidade.

Outro fator, muito comum que acarreta crises na conjugalidade se dá quando o casamento é utilizado como meio para satisfação própria, no qual o outro é visto como objeto na relação ou como o responsável pela felicidade do parceiro. Sobre este aspecto Cardella (2009) afirma que

Muitas vezes, o casamento passa a ser um meio para suprir carências de ordem psíquica por meio do vínculo com outro, que se torna objeto de satisfação ou prazer. Esta é a raiz de grande frustração e inúmeros rompimentos: quando os parceiros transferem um para o outro, ou mesmo para a relação, a responsabilidade ilusória de dar conta de necessidades afetivas que transcendem a própria relação (CARDELLA, 2009, p. 48).

Estas expectativas são comuns, porém carregam em si mesmas uma idealização excessiva, configurando-se como uma demanda inalcançável, gerando uma sobrecarga e, conseqüentemente, desgastes na relação. Se o casamento foi baseado em uma idealização excessiva um do outro, as decepções podem ser brutais, e o divórcio é muito provável (FALCETO & VALDEMAR, 2001, p. 64).

Acreditamos que as diferenças geradoras de problemas precisam ser trabalhadas no cotidiano da relação para evitar que se transformem em um abismo intransponível entre parceiros (DINIZ, 2009, p. 150). É consenso entre os autores que, no momento das crises conjugais, é fundamental o uso de estratégias funcionais de comunicação e negociação para resolução de conflitos. Sobre este aspecto Cardella, (2009) pontua:

Alguns casais se comunicam muito bem sexualmente, mas têm dificuldades em se fazer compreender quando conversam e se defrontam com diferenças. Outros sabem conversar por horas a fio, mas seus tabus e conflitos sexuais os

impedem de se entregar nessa dimensão da relação (CARDELLA, 2009, p. 57).

Acerca da comunicação, Oltramari (2009, p. 676) revela que esta tem uma importante tarefa, que é o revelar-se ao outro. Ele argumenta que existe, para os amantes, um abrir-se ao outro para mostrar-se quem é. De alguma forma, a exposição faz com que se alimente a confiança entre as pessoas. No entanto, ao mesmo tempo em que aproxima, a comunicação pode ser usada como ferramenta de afastamento do casal.

Vale mencionar que não consideramos apenas a palavra falada como comunicação, e sim um conjunto de atitudes que somados a verbalização configuram este conceito, são elas: as ações, os olhares, o que não é dito e a capacidade ou não de escuta ao outro. Pontua-se que a variabilidade de interferências e de distorções aumenta em virtude do significado pessoal que é dado tanto por quem comunica quanto por quem recebe a comunicação.

Dialogando com esta perspectiva, Ribeiro (1986) revela outras formas de interferência da comunicação, que podem ocorrer através da incoerência entre a palavra comunicada e a expressão, gesto ou atitude, ou quando a pessoa só se utiliza de sua percepção, não levando em consideração o sentido do outro, tornando uma via unilateral e fragmentada. Outra ingerência na comunicação, geralmente, se dá quando a pessoa que comunica vivenciou sensações ansiogênicas em relação à expressão de sua forma de pensar e sentir, visto que no ato de comunicar nos deparamos com o risco da não aceitação e do abandono.

Deste modo, nas interações as pessoas conseguem comunicar melhor o que sentem quando confiam na maneira como o outro irá receber o que será dito. Dizer a verdade pode gerar maior intimidade entre o casal em virtude de expressar as necessidades mais íntimas acerca do relacionamento (ZINKER, 2001).

Segundo Ribeiro (1986), a comunicação é um ato de compartilhar com o outro, o qual demanda nas pessoas envolvidas o desejo de revelar-se para este. Em contrapartida, observa-se que as relações atuais de um modo geral tendem a não valorizar a escuta. Na prática clínica, observa-se esta como a maior dificuldade entre os casais. Reitera-se que compartilhamos da ideia de que a comunicação vai muito além da habilidade em falar ao outro, e sim da capacidade de escutá-lo.

Para Zinker (2001), o acúmulo de situações não esclarecidas e não ditas, tendem a provocar a sensação de insatisfação, o que ocasiona um fechamento ao diálogo, e interrompe a comunicação saudável entre o casal. Nesse contexto, a possibilidade de alcançar uma comunicação satisfatória está comprometida e torna-se um paradoxo, de um lado, há o medo da

não-aceitação e, de outro o descontentamento da expressão não espontânea, remetendo a ressentimentos, frustrações e desilusões.

Consequentemente, a relação silencia e entra em estado de desarmonia (EVANGELISTA, 1999). O vínculo conjugal fica abalado, ou porque não se tornou suficientemente estruturado ou porque foi sendo corroído ao longo do tempo. Nestes casos, o casal tende a manter o vínculo contratual, pautado na formalização do casamento, no entanto, por muitas vezes o vínculo afetivo já foi rompido.

Segundo Bauman (2003, p. 13), a facilidade do desengajamento e do rompimento (a qualquer hora) não reduzem os riscos, apenas os distribuem de modo diferente, junto com as ansiedades que provocam. É neste momento da vida compartilhada entre o casal, que emerge a possibilidade do casamento tornar-se um lugar de opressão e aniquilamento, no qual a violência, em suas várias manifestações, pode apresentar-se.

Destaca-se a mais usualmente utilizada: a violência psicológica, na qual há trocas de ofensas, palavras que desqualificam o outro, humilhações, falta de atenção a questões afetivas e materiais, descaso, dentre outros possíveis atos que repercutem em uma violação à autoestima, autoconceito e autoimagem do sujeito (MINAYO, 2006; FERREIRA, 2010; PIMENTEL, 2010; IZUMINO, 1998; SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995). Tanto homens quanto mulheres podem se encontrar em situação de violência psicológica.

São implicações para que o casamento chegue neste ponto: o afastamento afetivo, a dificuldade em lidar com a rotina, que tende a tornar-se cansativa, e o não investimento em sentimentos como o cuidado, o amor, o companheirismo. Na literatura, são apontados como justificativas o uso de álcool e outras drogas, desemprego etc.

Para Perls, Hefferline e Goodman (1997, p 216) o conflito é uma perturbação da homogeneidade do fundo e impede a emergência de uma figura seguinte nítida e vívida. Dialogando com a temática, acredita-se que este impedimento se dá quando há uma rigidez na fronteira, a qual gera uma barreira no fluxo de interação entre o casal.

O conceito de fronteira é fundamental para os estudos relacionados ao casamento, visto que o casal precisa compreender quais fronteiras fazem parte da relação estabelecida por ambos, pois cada casal em sua forma de relacionar-se possui fronteiras próprias, sendo estas a somatória das fronteiras do “eu” e da fronteira do “nós”, as quais para o bom contato precisam ser fluídas e permeáveis, favorecendo, assim, o contato com as diferenças do outro. Sobre este aspecto, Silveira (1998) afirma:

dependendo da fluidez e da permeabilidade da fronteira do “nós”, os membros do casal se unem como par e separam-se em unidades individuais. Aliás, o bom funcionamento do casal depende em grande parte de como os parceiros conseguem fazer encontros saudáveis na fronteira do “eu” e na fronteira do “nós”. É necessário que prevaleça um ritmo harmonioso de união e separação, o qual favoreça, de um lado, a intimidade e, de outro, a individualidade (SILVEIRA, 1998, p. 45).

Vale ressaltar a importância da flexibilidade dos limites estabelecidos para que haja espaço para uma comunicação entre ambos. As relações nos ensinam a renunciar, nascer, crescer e morrer. Relações lapidam nossas potencialidades para transformá-las em realizações e capacidades. É no atrito, no conflito, no confronto com a diferença que tal lapidação se dá (CARDELLA, 2009, p.47).

Para lidar com os conflitos sem que casos extremos de violência se configurem como forma de interação, utiliza-se o conceito de ajustamento criativo na tentativa de oportunizar mais uma estratégia de enfrentamento em tais situações.

O ajustamento criativo no relacionamento conjugal implica flexibilidade na fronteira para experimentar novos contatos. Para experimentar, é preciso ter auto-suporte. O auto-suporte orienta o indivíduo na escolha da atitude mais adequada em determinada situação, a fim de que essa mesma situação seja recriada e re-significada. O auto-suporte, refere-se à capacidade de mobilizar os recursos internos para criar situações novas quando elas se fazem necessárias (SILVEIRA, 1998, p. 45-46).

Este autossuporte está intrinsecamente relacionado ao conceito de nutrição psicológica proposto por Pimentel (2005), a qual baseada nos constructos psicológicos elaborados por Perls (2002) sobre o metabolismo mental, revela que quando o sujeito em sua infância sente-se amado, valorizado, aprende o senso de autonomia, possui um refinamento na capacidade de assimilação e rejeição ao entrar em contato com o meio.

Estudando relações entre a violência psicológica que ocorre entre casais praticada por meio da linguagem verbal e a intervenção psicoterápica breve usa o verbo **desestruturar enquanto elemento motivacional**, força para enfrentamento das divergências entre os sujeitos; da satisfação das necessidades básicas e transcendentais (amar, alimentar, dormir, saúde, sexo, aceitação e sustento) e da superação dos dualismos na educação dos filhos e alunos, e para compor uma formação integrada do auto-conceito baseada na nutrição psicológica. Neste projeto, não há lugar para agressão, destruição e violências. Sem dúvida, refiro-me aos processos de subjetivação e socialização dos sujeitos sociais; entretanto, resalto que a violência requer intervenções e premissas interdisciplinares e estatais (PIMENTEL, 2011, p.46).

Esclarecemos que *violência* e *desestruturação* são dois atos distintos. Na primeira, a destruição do outro é a marca, na segunda, a motivação para abocanhar a vida é a premissa para o desenvolvimento emocional e ajustamento criativo. As ações ativas e propositivas não resultam em violência quando são realizadas para desestruturar as situações existenciais que exigem interesse, motivação e vigor.

Assim, os sujeitos tendem a uma interação mais saudável em suas relações, encontrando recursos para lidar com situações conflituosas e ansiogênicas, que requerem um contato com frustrações. Sendo, portanto, este o autossuporte, no qual o sujeito encontra nele mesmo, os recursos (ajustamentos) para o enfrentamento das problemáticas que surgirem no percurso de sua vida.

Há que considerar, num relacionamento, os aspectos favorecedores, os impedimentos à aceitação e a rejeição da produção criativa de cada um. É no seio do relacionamento que ocorrem as mudanças, e é possível vê-las quando, no livre jogo das opções, o indivíduo arrisca-se em meio à repetição de situações bastante conhecidas que surpreendem a si e aos outros (SILVEIRA, 1996, p. 48).

Para a análise de relações afetivas, criativas ou adoecidas, considera-se que a filosofia do diálogo encontrada na obra EU-TU de Buber (1977) pode nos oferecer algumas pistas. Para o pensador da existência, a relação humana pode ser fundamentada em duas possibilidades atitudinais: a dimensão Eu-Tu e a Eu-Isso. Duas escolhas que permitem encontrar o outro na relação, de maneiras diferenciadas e complementares, sendo a primeira permeada pelo respeito à singularidade do outro em sua realidade existencial e realizada no encontro; e a segunda entendida como uma relação na qual o outro é percebido como um meio para alcançar um objetivo, um fim. A alternância rítmica dessas dimensões compõe a expressão da intersubjetividade cuja fundamentação é o diálogo (HYCNER, 1995). Buber (1977) pontuou que,

O pressuposto mais importante do diálogo genuíno é que cada um deveria olhar seu parceiro como a pessoa que é. Torno-me consciente dele, consciente de que ele é diferente, essencialmente diferente de mim, de uma forma única e definida, que lhe é própria. E aceito aquele a quem vejo assim, de modo que possa em plenitude dirigir o que lhe digo como pessoa que é (BUBER, 1977, p. 79).

O autor ainda afirmou:

se torna Eu em virtude do Tu. Isso não significa que devo meu lugar a ele, ou que devo renunciar a minha existência e a minha participação no mundo. Eu devo minha relação a ele. Ele é meu Tu somente na relação, pois fora dela ele não existe, assim como o Eu não existo a não ser na relação (BUBER, 1977, p. 55).

A relação EU-TU apresenta-se como uma possibilidade comunicativa e inclusiva do “outro”, em que através do diálogo, da escuta e da presença pode-se conhecer e confirmar a singularidade das pessoas envolvidas no encontro, aqui direcionada para o diálogo entre o homem e a mulher, em suas realidades e identidades diferenciadas e, ainda assim, confirmadas em suas particularidades e em suas alteridades.

Compreender a dimensão relacional EU-ISSO, fazendo parte do dialógico de forma complementar a relação EU-TU, pode nortear a realidade vivenciada durante décadas e décadas no diálogo entre o homem e a mulher, pois a predominância de uma em relação à outra torna as relações prejudiciais, impedindo o diálogo e, conseqüentemente, o encontro.

Uma consequência das reflexões buberianas para a *ressignificação* das interações entre homens e mulheres é configurar a superação da assimetria sexual, que marca as relações de gênero. Acerca das questões que envolvem a condição feminina e masculina, pontua-se que o movimento feminista foi o marco histórico no qual se iniciaram as questões levantadas pelas mulheres.

O feminismo diz respeito a um conjunto de práticas e atores em favor da igualdade política e de direitos entre homens e mulheres, reivindicando, por exemplo, direito ao voto, ao livre exercício de atividades laborais, bem como reformular a organização da sociedade patriarcal, oportunizando um novo olhar sobre a mulher e mudanças no paradigma familiar. Sobre este aspecto, Walters (1994) afirma:

Apesar do feminismo colocar em debate questões para, e sobre as mulheres, como salário igual, assistência aos filhos e licença-maternidade, sua importância está em seu distanciamento da perspectiva tradicional, dominada pelos homens. O feminismo, particularmente no campo dos sistemas e relações de família, sugere uma nova reflexão sobre convicções, princípios e práticas. Sugere uma procura de novas informações, um diálogo conceitual, uma autocrítica. O feminismo não diz respeito a um problema, um sintoma ou um segmento da nossa sociedade; diz respeito a esta sociedade (WALTERS, 1994, p. 28-29).

Partindo das reivindicações destes movimentos em favor da mulher, é que se inicia o debate acerca do conceito de gênero, com objetivo precípuo de expor a insatisfação e as preocupações sociopolíticas das mulheres contemporâneas da década de 1960 (LOURO, 1997).

O termo *papéis de gênero* foi proposto por John Money, em meados de 1955, porém o conceito trazia uma conotação “essencialista”, que avançava na diferenciação sexo-gênero, mas detinha-se na problemática de homens e mulheres brancos. Robert Stoller, em 1968, iniciou estudos sobre subjetividade, dando início a pesquisas que incluíram as diferenciações sexo, gênero, raça e classe, levando em consideração o multiculturalismo e a não universalidade dos sujeitos (PIMENTEL et al. 2010).

Sobre a questão *essencialista* mencionada acima, acredita-se ser importante pontuar com clareza a diferenciação entre sexo e gênero. Deste modo,

O sexo constitui uma categoria biológica que diz respeito à masculinidade e feminilidade. Estereótipos quanto ao gênero são consequência do julgamento de comportamentos, atitudes e sentimentos, atribuídos como apropriados a um sexo apenas. Todos agimos como se elas, as diferenças naturais, fossem reais, mais do que configurações sociais; esquecemo-nos de que só tem a ver apenas com as diferenças anatômicas (GOODRICH, 1990, p. 23).

As condições masculina e feminina são produzidas culturalmente e, assim, antes de se constituir como uma orientação sexual, ou atributos deste ou daquele gênero, estão também relacionadas ao tipo de poder que a sociedade convencionou, principalmente quando este tipo de poder é referendado por um sistema patriarcal (ROCHA, 2005, p. 206).

O desdobramento destas reflexões permite deixar de olhar a condição feminina a partir da tese de “verdade universal e essencialista” que considera a natureza feminina como subjugada ao masculino, sendo esta uma preconização do patriarcado, em que o homem é o detentor do poder. Inicia-se então o processo de “desconstrução” da visão e da prática binária e sexista em relação a sexo/poder (FERREIRA, 2010, p.25).

Ressaltamos ainda que a “ideia” de que homens e mulheres têm papéis pré-determinados biologicamente a desempenhar, contrapõe-se à primeira abordagem gestáltica: estabelecer uma visão não dicotomizada, ampliando assim a percepção do conceito de gênero, vendo-o de maneira holística e relacional. A proposta gestáltica está profundamente comprometida com a desconstrução da perspectiva de pensamentos binários. (ROCHA, 2005, p. 208). Apresentando, assim, um olhar não apenas psicológico, ao que se refere a esta temática, mas uma visão biopsicossocial.

Esta discussão colabora com a crença de que na sociedade cada um dos indivíduos desempenha um papel social, deste modo, todas as vezes que se refere a esta categoria, nesta pesquisa, será com este cunho. Uma vez que é a cultura e não a natureza que determina o comportamento adequado a cada sexo (GOODRICH, 1990, p. 24).

A perspectiva analítica corrobora com o entendimento de que as igrejas e partidos científicos há muito foram superados pela atitude e premissa da complexidade. Nenhuma ciência isolada produz conhecimento sobre a humanidade e a natureza, assim a interdisciplinaridade e o trabalho em equipe são premissas indispensáveis à pesquisa (MORIN, 1991).

Assim, dialogando com autores da antropologia e sociologia, apresenta-se o conceito de gênero proposto por Scott (1991) que o considera como uma categoria analítica, o qual se constitui através das relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos, e também seria a primeira forma de vivência das relações de poder.

A introdução do caráter relacional do gênero levou a uma revisão dos estudos centrados nas mulheres e apontou para a necessidade de estudos sobre as *relações de gênero*, uma vez que a história das mulheres não pode ser vista separada da história dos homens (ARAÚJO, 2005, p.42).

Gênero abrange a *identidade de gênero* que diz respeito à experiência subjetiva de pertencer a um grupo de homens ou de mulheres que praticam papel de gênero, ou seja, comportamentos, atitudes e traços de personalidade que são designados em uma sociedade como femininos ou masculinos, em determinada cultura e período histórico.

A identidade de homens e mulheres e os significados de gênero são construções históricas e socioculturais, (...) decorrem, entre outros motivos, do modo como o mundo lhes foi apresentado, da educação recebida, da cultura dominante, das relações que trava, de como é reconhecido pelo grupo e como conduz seus atos (PASSOS, 2008, p. 114).

Sobre este aspecto, Ghilard-Lucena (2008) revela o papel fundamental da mídia, que gera e propaga os sentidos determinantes da forma como os gêneros – feminino e masculino – são vistos pelos indivíduos. Já que a globalização provoca um impacto, repercutindo na sociedade descontinuidades, fragmentações, rupturas e deslocamentos, tornando-se primordial que novas identidades sejam construídas.

Vinculado a este contexto, levanta-se a reflexão acerca do papel da família, ou arranjos familiares, enquanto o lócus primário onde as normas e os valores culturais são transmitidos.

A família é uma unidade social que representa os valores, expectativas, papéis e estereótipos da sociedade. Ela ensina os papéis genéricos aprovados culturalmente, tratando meninas e meninos, e reagindo a eles, de formas diversas, defendendo diferentes expectativas para ambos e exercendo pressões sociais, também diferentes, sobre eles. Dessa maneira, produzindo o garoto/homem e a garota/mulher familiares, a família executa uma função decisiva para a sociedade (GOODRICH, 1990, p. 23).

Passos (2008) afirma que mesmo com diversas conquistas dos movimentos feministas e das mulheres, ainda nos deparamos, no Brasil, com desigualdades de gêneros marcantes, que podem ser visualizadas na forma em que homens e mulheres são educados. Para este autor, a diferenciação não ocorre por respeito às diferenças, mas para tornar sujeitos desiguais suscitando, assim, estereótipos e papéis a serem desenvolvidos.

No que se refere ao conceito contemporâneo de gêneros, utiliza-se a proposição elaborada por Lauretis (1994), por considerá-lo uma proposição mais abrangente. A ideia de *engendramento* proposta pela autora permite pensar gênero como relações de/entre sujeitos engendrados, além de acercar-se da multiplicidade, do contraditório, do complexo e heterogêneo. Para esta autora, as mulheres se situam tanto dentro quanto fora do gênero, ao mesmo tempo, dentro e fora da representação (LAURETIS, 1994, p. 218).

Ao fomentar essa forma de entender o conceito de gênero, Lauretis (1994) amplia toda a concepção sobre o assunto que, comumente, se ocupa dos aspectos dualistas. Aponta que este modo de concebê-lo tende a negar ou essencializar tal conceito. Sobre este aspecto Magnobosco (2005) esclarece que,

Ao se situarem dentro e fora, caem por terra as noções de representações de origem, ou seja, todas aquelas que usam de caracteres físicos, espaciais, discursivos, psicológicos para enquadrar ou excluir o sujeito, pela diferença de apenas dois pólos. Nem enquadrar, nem excluir, mas en-quadrando, aceitando, e transformando, gendrando e en-gedrando, discursos, corpos, linguagens, etc. Assim, não mais negar ou essencializar o gênero, mas vivê-lo com todas as suas contradições, ideologias, relações de poder, para ai detectar os excessos e as faltas que nos dizem, não das representações, mas dos irrepresentáveis (MAGNOBOSCO, 2005, p. 423)

Desta forma, gênero deixa de ser entendido a partir da *diferença de gêneros*, passando a ser pensando como *relações de gênero*. A concepção de gênero, como uma categoria para

analisar as relações entre homens e mulheres e as condições sociais das diferenças sexuais, propiciou, segundo Machado (2000), um novo paradigma metodológico, pois afirma a ruptura entre a noção biologicista do sexo e a noção sociocultural de gênero, privilegiando metodologicamente as relações e a transversalidade de gênero.

Assim, as condições sociais, econômicas e históricas fizeram com que a mulher fosse compelida a desenvolver sua identidade e seu espaço, fazendo com que o homem repensasse o seu papel e sua postura diante da relação matrimonial. A mudança nos papéis exercidos pelas mulheres vem levando os homens a um difuso sentimento de perplexidade e confusão, e conseqüentemente a uma oportunidade para que repensem seus papéis, seja para reafirmá-los, seja para reformulá-los (JABLONSKI, 1998, p. 172).

A crise da identidade masculina ou a “crise do macho” é um desdobramento dos questionamentos frequentes dos movimentos feministas frente ao papel hegemônico do homem no que se refere à questão sexual e de gênero, a maior inserção da mulher no mundo do trabalho, à divisão de tarefas domésticas e responsabilidades com os filhos, ao poder, à reestruturação do conceito de família, entre outros; o que tem levado o homem contemporâneo a repensar os modelos de construção de sua identidade masculina, que perpassam, de um lado, por atitudes e valores normativos e, de outro, por pluralidade de modelos, quanto ao gênero e ao papel sexual (ARENT, 1999; SILVA, 2005).

O discurso dos homens tem revelado sentimentos de angústia e insegurança frente a estas novas exigências, pela dificuldade em perder o seu modelo tradicional de homem/macho, ao qual são atribuídas características como frieza, agressividade, objetividade e, concomitante, uma nova postura mais aberta e flexível na qual seja possível compartilhar tarefas até então consideradas essencialmente femininas (CONNEL, 1995; ARENT, 1999; FERRAZ; PIRES, 2008).

Infere-se que até a expressão de sentimentos como angústia e insegurança já se deve a essa nova forma de se reconhecer do homem, principalmente no que se refere às emoções, oportunizando uma ressignificação acerca de si mesmo e nas relações sociais.

Braz (2005) revela que as investigações sobre o gênero masculino são mais difíceis de realizar. Experiências clínicas de escuta informal e a troca de experiência confirmam tal afirmativa, pois percebem-se limites na expressão comunicativa do homem, ou seja, uma dificuldade em revelar o sentido do que sentem e vivem, o que requer a desconstrução da imagem social, e por vezes da autoimagem, pois no imaginário cultural a existência masculina é caracterizada pela virilidade e determinação, entre outras qualidades.

No entanto, manter tal imagem possui um ônus que é, na maioria das vezes, um preço emocional muito alto para a manutenção. Por temer desconstruir tal “mito”, por vezes os homens adoecem de modo psicossomático ou cometem atos de violência contra a mulher ou os filhos. Nestes casos, o conflito conjugal pode tornar-se intenso e recorrente, desgastando os vínculos entre o casal e acarretar na dissolução do casamento.

Outro ponto importante diz respeito à construção da subjetividade masculina a qual se dá a partir da presença maciça feminina, visto que as primeiras orientações dos processos socializatórios e pedagógicos formais são realizadas por mulheres. Braz (2005, p. 102) aponta para este fato ao afirmar que a subjetividade masculina baseada na força, no domínio e mesmo no machismo não é constituída sozinha já que o homem nasce e cresce num caldo cultural que o empurra para esse papel.

Assim, no emaranhado da subjetividade masculina, é importante para a superação de mitos e reformulação da relação interpessoal, ativar o diálogo entre mulheres e homens, fomentando a reflexão acerca das atitudes e comportamentos repassados de geração a geração.

As marcas do conservadorismo do modelo patriarcal e da ideologia cristã, presentes em diversos graus na subjetividade masculina e no exercício da paternidade brasileira, foram forjadas desde o Brasil Colônia. Vários ideários masculinos foram criados e transformados conforme as condições da cultura e do social, gerando modelos normativos de gênero. Nas sociedades corroboradoras, há o reconhecimento da sexualidade para mulheres e homens, deste modo, as famílias podem orientar as relações entre a educação e a vivência da sexualidade de modo criativo.

As transformações ocorridas na sociedade repercutem uma reorganização na forma de interação com o par, nos modelos de relacionamentos estabelecidos entre os indivíduos e nas mudanças de paradigmas da relação conjugal (FÉRES-CARNEIRO; PONCIANO; 2003; FÉRES-CARNEIRO, PONCIANO & MAGALHÃES, 2007; TRIGO, 1989; COSTA, 1999; JABLONSKY, 1998; MULLER, 1994).

Estas mudanças oportunizam reflexões e revelam novas possibilidades de aceitação nas interações sociais e nas formas de relações cristalizadas no imaginário dos indivíduos, alteram o comportamento de homens e mulheres, marcando o século XXI com atitudes e comportamentos totalmente diferenciados daqueles dos séculos passados (GHILARD-LUCENA, 2008).

Deste modo, ao que se refere às relações conjugais, observa-se que o par inicia uma união trazendo consigo uma imagem do vínculo conjugal, do papel que o parceiro deve

desempenhar, como também, a crença, mesmo que pouco legitimada socialmente, de que a relação amorosa e os sentimentos a ela vinculados são “eternos”. Assim:

A construção dos papéis e das regras da relação é um processo circular de influência recíproca ao longo do tempo. Nenhum casal inicia uma relação a partir do zero, cada indivíduo tem um sistema de crenças e de expectativas em relação ao casamento estruturado a partir da experiência na família de origem e de outras experiências matrimoniais e de casal, imerso na cultura de uma comunidade e sociedade específica. Esses valores permeiam os nossos modos de conceber o casamento e condicionam os nossos modos de ser marido e mulher (WALSH, 2002, p.15).

Como mencionado no início desta sessão, verifica-se que a família, lugar no qual as primeiras interações sociais dos indivíduos acontecem, percebe o impacto destas transformações através das mudanças ocorridas nos padrões e regras antes impostas ao casamento. Sobre este aspecto Diniz-Neto e Féres Carneiro (2005) confirmam:

Na metade do século XX e início do século XXI, as ideologias e as práticas do casamento - e todos os padrões que envolvem a construção psicossocial das identidades masculina e feminina - passaram a ser questionados, gerando uma crise de identidade e de papéis sociais na família e nos padrões de interação conjugal (DINIZ-NETO; FERES-CARNEIRO, 2005, p. 134)

Deste modo, o casamento sai de uma perspectiva tradicionalista, patriarcal, no qual o “arranjo” estabelecido pelas famílias dos cônjuges objetivava a ampliação dos negócios familiares, partindo para uma diversidade que abrange casamentos tardios, informais, uniões entre homossexuais e o recasamento. Sobre o casamento tradicionalista, Trigo (1989) revela,

Considerado na ordem patriarcal como engrenagem essencial de uma política voltada para a manutenção e transmissão do patrimônio, o casamento não deixava espaço para interesses pessoais. Bem ao contrário, a finalidade primeira da aliança matrimonial era de ordem social, ou seja, de fortalecimento de grupos de parentesco e de status, preservação da herança e do poder econômico. Nesse sentido, é grande a sua contribuição para a formação de um sistema de dominação política e econômica (TRIGO, 1989, p. 88)

Neste período, os indivíduos escolhiam os pares baseados no princípio da homogamia, escolha do cônjuge por afinidades e interesses comuns, fortemente influenciados pela igreja católica que considerava o casamento como indissolúvel.

A homogamia regia as escolhas de parceiro. Por um lado, uma visão de mundo ligada à crença de uma ordem social estratificada e estável considerada o par ideal aquele que, tendo os mesmos valores, interesses e gostos, estava mais próximo e podia ser considerado um ‘igual’. Por outro lado a indissolubilidade do matrimônio estabelecida pela igreja era forte argumento para uma escolha pensada, madura, apoiada pelo princípio de igualdade que, no dizer dos discursos moralistas, aumentava a probabilidade de sucesso de casamento (TRIGO, 1989, p. 89).

Féres-Carneiro e Ponciano (2003) afirmam que nas relações conjugais dos séculos XVI e XVII o marido ocupava a posição de superioridade, detendo total poder sobre a vida a dois. O casal exercia seus papéis distintamente, o marido era provedor e a esposa responsável pelo lar e filhos, não havendo questionamentos sobre esta forma, nem se esta relação propiciava satisfação ou não.

Ainda segundo Féres-Carneiro e Ponciano (2003) é a partir do século XVIII que os jovens passaram a valorizar os sentimentos, sendo os aspectos financeiros ou o desejo dos pais na escolha do cônjuge uma possibilidade menor a ser escolhida. E somente no século XIX que o casamento incorpora o amor conjugal enquanto atributo valorizado para a relação familiar e conjugal saudáveis. Conforme ressalta Costa (1979), o amor é então capturado como ferramenta de estratégia higienista e passam a ser levantados critérios para uma escolha de cônjuges saudáveis, associados à procriação.

O foco central da atenção é modificado. Enquanto no casamento antigo, a riqueza e a herança eram os pré-requisitos para a aliança conjugal, no “casamento higiênico” a hereditariedade passa a ser mais importante, o corpo e a vida sexual sobrepõem a linhagem e a nobreza do nome, a saúde passa a ser um valor. Contudo, vale ressaltar que, até a década de 1970, o marido era o chefe da família e detinha total poder, sendo os bens da mulher ainda administrados por este, e ainda hoje é possível encontrar modelos conjugais alicerçados sob esta égide. Segundo D’Nicao (1996),

o casamento por livre escolha, por amor, é uma possibilidade que só aparece com a transformação do mundo tradicional em capitalista. Surge em circunstâncias nas quais a família se constitui em unidades distintas das unidades econômicas que eram (D’NICAIO, 1996, p. 67).

Ainda acerca dos critérios para a escolha do cônjuge, Evangelista (1999, p. 39) nos revela que a eleição do objeto amoroso não é algo aleatório, tampouco ingênuo, de acordo com os postulados psicanalíticos, está vinculada a um modelo, seja ele “parental” ou uma idealização de si mesmo.

Em adição, Féres-Carneiro (1998), Jablonski (1998) e Walsh (2005) apontam que a busca pelo parceiro e a manutenção do casamento são influenciadas pelas informações que os indivíduos recebem durante toda sua vida, aliando-as aos contextos socioculturais em que vivem, podendo significar, também, uma busca de reconhecimento e valorização social.

Apesar de vivermos em uma época na qual a autonomia é supervalorizada, podemos observar a influência da família nas escolhas individuais. A constituição da identidade pessoal tem como referência a própria história de vida, a identificação com outros significados e a história familiar. Individualizar-se é um imperativo social permeado pelo processo de transmissão entre gerações. Portanto toda construção singular é acompanhada pela marca da continuidade (FÉRES-CARNEIRO; PONCIANO; MAGALHÃES, 2007, p. 23).

Para Trigo (1989), a expressão do amor pelo indivíduo está intimamente relacionada à cultura de cada época, ao grupo social no qual está inserido, sendo perceptível através da palavra e das imagens oferecidas por esta cultura.

O convívio grupal é regido por normas que visam estabelecer os papéis e as relações sociais, visto que são nos vínculos e nos grupos, através destes papéis que os indivíduos sentem-se fazendo parte de uma sociedade, sentem que existem e constituem sua identidade. Quando nos vinculamos, nos diversos contextos da vida, como o familiar, o profissional, o de lazer, satisfazemos necessidades, realizamos desejos, reajustamos projetos dramáticos e nos desenvolvemos. A afetividade, pois, está presente em todos os nossos atos (NERY, 2003, p.33).

A maneira como cada um que compõe a díade do casal se reconhece e vê o outro vai influenciar a forma como constroem os laços conjugais. Acredita-se que a eleição do par está relacionada à maneira como o indivíduo se vê no mundo, aquilo que ele acredita que seja fonte de nutrição emocional para si, bem como, a construção da sua subjetividade a partir das interações sociais estabelecidas no decorrer do seu desenvolvimento.

Os sonhos de casamento levam o indivíduo a buscar unidade com o par. Histórias diferentes se misturam, e surge então uma nova totalidade, uma estrutura, um fluir de comunicação. Esse é o primeiro sinal de criação na vida em comum. As pessoas que se escolhem passam a funcionar num estilo diferente, com linguagem própria, seguindo um ao outro. Os limites pessoais são ultrapassados numa aliança que se faz fértil e desafiadora. Personalidades diferentes, com diferentes habilidades para viver o mundo, unem-se para construir algo maior, e assim vão compor uma nova fronteira, a fronteira da conjugalidade (SILVEIRA, 1998, p. 46).

Deste modo, o casamento passa a ter um novo sentido para o casal, em virtude da proximidade, intimidade e do intenso envolvimento afetivo. Configurando-se como uma escolha individual, responsável e autônoma, baseada em laços de afeto e de afinidade (FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2003, p. 5-6), no qual a satisfação sexual, o prazer e o amor são pontos fundamentais para a constituição do relacionamento.

O casamento passa a significar, basicamente, a formação de uma aliança entre dois indivíduos que dizem se amar e não mais, apenas, entre dois grupos sociais ou linhagens. É claro que as famílias dos recém-casados, em função do próprio casamento, necessariamente se deparam com a possibilidade e a necessidade de construção de alianças, as quais, porém, não são mais o objetivo primeiro na formação de novas unidades familiares (MELLO, 2005, p. 27)

As interações entre o casal pressupõem a constituição de uma nova identidade para eles, na qual um *eu-conjugal* é construído, pois o casamento requer que cada cônjuge mude sua individualidade e se reorganize enquanto casal (FÉRES-CARNEIRO, 2003).

Observam-se, através da trajetória histórica da sociedade, as mudanças nos processos de identidade e de subjetividade humana, ocasionando uma reformulação nas interações sociais fruto da desconstrução das ideologias impostas pelo patriarcalismo e pela igreja. Desta maneira, verifica-se que

Todas essas mudanças, no entanto, passavam até recentemente ao largo daquele que parecia ser o único e último consenso acerca das idéias de família, casamento e amor: o etnocentrismo compulsório, ou seja, a arraigada crença de que a família e o casamento são realidades sociais intrinsecamente associadas à vinculação afetivo-sexual entre o homem e uma mulher (MELLO, 2005, p. 28).

Assim, a partir da *desconstrução* desta crença baseada na concepção de família nuclear, na qual apenas a união heterossexual era legitimada, revela-se, contemporaneamente, um conceito de família nas quais questões igualitárias e de gênero se fazem presentes, respeitando os indivíduos nas suas especificidades e considerando as diferenças, incluindo, assim, a união homossexual enquanto possibilidade de constituição familiar.

Reitera-se que, nesta pesquisa, o casamento é investigado sob a ótica do casal heterossexual, porém, comprometidos com os avanços psicossociais que englobam esta temática, não poderíamos deixar de mencionar a perspectiva homossexual, pois, sobre as formas de união, ao lado do casamento, outras modalidades são vivenciadas.

Fazendo uso dos aportes teóricos psicanalíticos e da abordagem sistêmica, Féres-Carneiro (1998) afirma que casal encerra duas individualidades e duas conjugalidades, ou seja, reporta a duas histórias de vida, duas percepções e duas identidades individuais que na relação amorosa convivem com a conjugalidade, com um esperado desejo conjunto, uma identidade conjugal.

Assim, Féres-Carneiro e Magalhães (2003, p. 2) entendem a conjugalidade, como uma dimensão psicológica compartilhada, que possui uma dinâmica inconsciente com leis e funcionamentos específicos. Para as autoras, a conjugalidade é composta de ideias e valores igualitários, sendo um espaço de construção de sentimentos íntimos, de desejos, de expectativas, de preenchimento e de complementaridade mútua conjugal, características desejadas para um relacionamento conjugal.

Sob a perspectiva da abordagem gestáltica, Silveira, (2007) considera o espaço conjugal uma totalidade com necessidades emergentes. Delimitado por uma fronteira, quando duas pessoas se casam, constroem uma nova totalidade. A fronteira do “nós” ou da conjugalidade estabelecerá os limites do que é vivido em comum.

A sociedade atual compõe-se por avanços em níveis tecnológicos, em fronteiras *líquidas*, no consumo constante de novas formas e/ou novos produtos, no qual se observa um declínio de modelos pré-determinados. É uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam em um tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. Não se pode manter a forma ou permanecer em seu curso muito tempo (BAUMAN, 2004).

Deste modo, emergem na sociedade contemporânea relacionamentos pautados na efemeridade, na fragilidade dos vínculos e em encontros superficiais. Assim,

Nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante. Essa razão nega direitos aos vínculos e liames espaciais ou temporais. Eles não têm necessidade ou uso que possam ser justificados pela líquida racionalidade moderna dos consumidores. Vínculos e liames tornam “impuras” as relações humanas – como o fariam com qualquer ato de consumo que presuma a satisfação instantânea e, de modo semelhante, a instantânea obsolescência do objeto consumido (BAUMAN, 2004, p. 65).

Neste contexto, Pimentel (2008) observa que:

A deterioração das funções familiares acompanha a transformação do capital financeiro, cuja estratégia de revitalização pauta-se na venda, no comércio e

na substituição imediata das mercadorias. Este princípio estende-se para o campo do humano, de modo que substituir alguém nos postos de trabalho, na afetividade e nas relações interpessoais é uma ação vulgar (PIMENTEL, 2008, p.18).

Percebe-se, assim, uma inversão de valores, no modo de interagir entre as pessoas, pois os papéis sociais desempenhados passam a ser pautados em uma relação Eu-Isso, na qual a pessoa é utilizada como um meio para um fim, sendo tratada como objeto, e indiferente à sua personalidade e singularidade. Neste ambiente, não há espaço para um encontro genuíno, pois, não considerar a singularidade do outro, impede de vê-lo como o Tu da relação (BUBER, 1981). Ampliando este panorama, Diniz-Neto e Féres Carneiro (2005) pontuam,

A organização sócio-cultural e econômica reflete-se, portanto, na construção das subjetividades e nas formas de vinculação social, afetiva e sexual, tais como as experimentadas na conjugalidade, que parece estar se caracterizando pela ausência de um modelo único, ou melhor, pela expressão em um modelo de multiplicidade de identidades e papéis que, respondendo a múltiplos contextos, tornam-se contraditórios, levando a novas formas de defesa, como o descompromisso, e uma organização psíquica difusa (DINIZ-NETO; FÉRES CARNEIRO, 2005, p. 139).

A característica do casamento na sociedade pós-moderna se dá exatamente por esta falta e/ou ausência de regras determinantes que delimitam comportamentos e atitudes. Vaitsman (1994, p. 19) ressalta que o que caracteriza a família e o casamento numa situação pós-moderna é justamente a inexistência de um modelo dominante, seja no que diz respeito às práticas, seja enquanto um discurso normalizador das práticas.

Dentre estas transformações citadas, verifica-se que o amor inclui-se na perspectiva de uma releitura, baseada na cultura vigente. Sobre este aspecto, Trigo (1989, p. 93) revela que ao mesmo tempo em que o século XX avança trazendo profundas mudanças na ordem econômica e social, as ideologias sobre o amor tornam-se cada vez mais impregnadas de características individualistas e personalistas.

Para Mello (2005), duas características fundamentais marcam a constituição da família conjugal moderna. A primeira refere-se à afirmação da individualidade dos sujeitos na escolha de seus cônjuges, levando em conta os ideais do amor romântico; e a segunda seria uma maior independência dos novos casais em relação a sua família de origem.

Segundo Bauman (2004), o “relacionamento puro”, conceito preconizado por Giddens (1993), tende a ser, nos dias de hoje, a forma predominante de convívio humano, na qual o

investimento na relação ocorre até quando for vantajoso para cada um que compõe a díade. O atual relacionamento puro não é,

como o casamento um dia foi, uma condição natural cuja durabilidade possa ser tomada como algo garantido, a não ser em circunstâncias extremas. É uma característica do relacionamento puro que ele possa ser rompido, mais ou menos ao bel-prazer, por qualquer um dos parceiros e a qualquer momento. Para que uma relação seja mantida, é necessária a possibilidade de compromisso duradouro. Mas qualquer um que se comprometa sem reservas arrisca-se a um grande sofrimento no futuro, caso ela venha ser dissolvida (GIDDENS, 1993, s/p).

Sobre este aspecto, Silveira (2007) revela que

A variedade de modelos e a instabilidade das uniões afetivas do mundo contemporâneo pedem que as fronteiras conjugais sejam flexíveis. As fronteiras dão o contorno necessário para compreender o casal como um sistema, os membros do casal como subsistemas e são elas que permitem o contato com outras pessoas ou com outros casais. Além disso, dependendo da fluidez e da permeabilidade da fronteira do 'nós', os membros do par se unem como par e separam-se em unidades individuais (SILVEIRA, 2007, s/p).

Este paradoxo entre a necessidade de estar com o outro e o desejo de preservar a individualidade é bastante estudado nas pesquisas sobre o casamento (SILVEIRA 1998, FERÉS-CARNEIRO, 1998, 2001, 2009; GIDDENS, 1993; JABLONSKI, 1994, 2009; BAUMAN, 2004). Para Cardella (2009), a vivência deste paradoxo, de que o senso de separação possibilita o senso de união e vice e versa, é o grande desafio do casamento na atualidade. Não raro, na vida pós-moderna os casais vivenciam esta ansiedade entre a vida em comum e os desejos individuais.

Em adição, Féres-Carneiro (1998) revela que a diferença entre os casais dos séculos passados e os contemporâneos é que, nos primeiros, os problemas não eram discutidos, minimizando a importância da satisfação no relacionamento. Hoje, ainda que seja de maneira incipiente, já constatada uma realidade diversa, o que se caracteriza como um avanço imperativo na saúde psíquica do casal.

O laço conjugal na contemporaneidade cria espaço para o constante auto-questionamento. Os parceiros se perguntam sobre como cada um se sente a seu respeito e se os sentimentos são suficientemente profundos para suportar um envolvimento prolongado. O projeto conjugal deve ser constantemente repensado e revalorizado. A busca da própria identidade a partir das relações amorosas, situa o parceiro diante da função de confirmar e manter a identidade

do outro, transformando-o em instrumento de legitimação do “eu” (FÉRES-CARNEIRO; PONCIANO; MAGALHÃES, 2007, p. 31).

Esta busca pela qualidade nas relações que geram os autoquestionamentos leva o sujeito a optar pela possibilidade do rompimento, caso a relação conjugal não atenda as demandas que considera como fundamentais para uma união satisfatória. Assim,

Na crise contemporânea, parece ocorrer uma mudança nos padrões de relacionamento entre indivíduos, com um aumento da mobilidade social, tornando possível que relações insatisfatórias possam ser resolvidas com o rompimento conjugal (DINIZ-NETO, FÉRES-CARNEIRO, 2005, p. 135).

Considerando que o casamento, bem como os relacionamentos em geral, tem aspectos de satisfação e conflito, o que é inerente à condição humana, verifica-se que

Embora o divórcio possa ser, às vezes, a melhor solução para um casal cujos membros não se consideram capazes de continuar tentando ultrapassar suas dificuldades, ele é sempre vivenciado como uma situação extremamente dolorosa e estressante. A separação provoca nos cônjuges sentimentos de fracasso, impotência e perda, havendo um luto a ser elaborado (FERÉS-CARNEIRO, 1998, p. 392).

A forma de cada um lidar com as diferenças do outro e com os conflitos oriundos da relação, depende da história de vida dos mesmos, visto que as possibilidades de vivenciar esta experiência pode ser uma escolha saudável ou não saudável.

Todavia, na sociedade contemporânea os indivíduos se divorciam não porque o casamento não é importante, mas porque sua importância é tão grande que os cônjuges não aceitam que ele não corresponda às suas expectativas. Assim, é justamente a dificuldade desta exigência que o divórcio reflete e, quase sempre, os divorciados buscam o recasamento (FERÉS-CARNEIRO, 1998).

Corroborando com este pensamento acerca da importância que alguns indivíduos dão ao casamento, Cardella (2009) revela que ao mesmo tempo existem aqueles sujeitos que não possuem “vocaçãõ” para tal intento. A autora afirma,

As pessoas que escolhem o casamento geralmente valorizam a existência compartilhada e íntima. Cada parceiro presencia a trajetória do outro, e ambos, são testemunhas de sua jornada comum. A parceria é uma vocação, mas há muitas possibilidades legítimas de relacionamento humano, que também envolvem afeto, respeito e crescimento mútuo. É preciso questionarmos nossa

real vocação, nosso desejo e disponibilidade para o casamento (CARDELLA, 2009, p. 47).

No casamento, destaca-se a importância da criatividade nas relações como ferramenta e estratégia para lidar com a crise conjugal, afirmando que a atividade criativa favorece a solução de conflitos que surgem de tempos a tempos clamando por uma resposta inovadora. Resulta daí a saúde e a renovação (SILVEIRA, 1996, p. 48).

Encontramos, portanto, na atitude criativa, bem como na disponibilidade e aceitação dos sentimentos ambivalentes que emergem no casamento, a tolerância, a frustração e a capacidade de uma relação de alteridade com outro, a possibilidade de uma vida conjugal saudável.

Para Cardella (2009, p. 48), o casamento não é a solução para os problemas nem está fadado ao fracasso, a despeito de todos os seus críticos e ou defensores. Como toda a empreitada humana, o casamento pode ser uma construção criativa ou um aprisionamento. Assim, o casamento mantém sua importância institucional e concomitantemente experimenta a necessidade de adaptação para se constituir, ao relacionar-se com famílias de origens distintas negociarem papéis para conseguir estabelecer uma identidade conjugal.

Partindo deste contexto, visualiza-se que potencialidades e novas possibilidades se abrem para os relacionamentos em geral, oportunizando o nascimento da autenticidade dos vínculos e da verdadeira parceria humana. Mais uma vez, os afetos sobrepõem-se e transcendem os códigos sociais, o que dá sustentabilidade as relações e ganho de sentido para suportar as dificuldades naturais do convívio humano (CARDELLA, 2009, p. 45).

É fundamental mencionar que a grande mudança observada na sociedade pós-moderna é que os vínculos atualmente sustentam-se pelo afeto, pelo desejo de compartilhar uma vida comum. Diferentemente do que há muito se via e ainda se vê (alguns casais ainda escolhem este forma de interação) de que o casal unia-se por conveniência.

Atualmente, cada vez mais, as pessoas se unem quando há afeto, o que representa um refinamento nos vínculos que até pouco tempo atrás eram mantidos também por acordos e conveniências, servindo a interesses outros que não o compartilhamento da própria vida. A despeito de todas as dificuldades que enfrentamos nos dias de hoje, ainda assim as pessoas continuam buscando relacionamentos amorosos, laços significativos, e a dor da solidão que a muitos assola é a esperança do encontro (CARDELLA, 2009, p. 30).

Assim, pode-se afirmar que no casamento, mesmo com um nível alto de investimento, no qual o casal ainda busca a satisfação afetiva, sexual e emocional, o contrato pela tradição

vem perdendo espaço dando lugar a um contrato pela via do desejo de estar junto com o outro, no qual o afeto toma lugar (OLTRAMARI, 2009). Favorecendo a emergência de elementos como o amor, a confiança, o diálogo e a escuta, e, conseqüentemente, uma interação dentro das relações de intimidade mais satisfatória para o casal.

II – PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem como perspectiva central discutir a relação conjugal a partir do discurso de 3 casais, ressaltando as principais vivências da vida compartilhada, como as expectativas acerca da vida em conjunto, a escolha em casar, famílias de origem, filhos, os conflitos vividos e a forma encontrada para resolvê-los. O estudo aborda, principalmente, aspectos subjetivos, assim, a investigação qualitativa é a orientação epistemológica mais indicada, uma vez que busca estudar a realidade como um fenômeno cultural, histórico e dinâmico.

A produção do conhecimento científico nas ciências humanas e da saúde é orientada por modelos explicativos e por modelos compreensivos. No que se refere aos parâmetros compreensivos, é necessário entrelaçar os fundamentos dos mesmos ao desenvolvimento da pesquisa qualitativa (PIMENTEL; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2009).

Para Minayo (1992), a pesquisa qualitativa considera a fala do sujeito sobre o fenômeno investigado, o modo como ele o experiência e vivencia:

A pesquisa qualitativa torna-se importante para compreender os valores culturais e as representações de determinado grupo sobre temas específicos; para compreender as relações que se dão entre os atores sociais, tanto no âmbito das instituições, como dos movimentos sociais; para avaliação das políticas públicas e sociais tanto do ponto de vista de sua formulação, aplicação técnica, como dos usuários a quem se destina (MINAYO, 1992, p. 134).

Sob este aspecto González-Rey (2002) afirma,

a ciência não é só racionalidade, é subjetividade em tudo o que o termo implica, é emoção, individualização, contradição, enfim, é expressão íntegra do fluxo da vida humana, que se realiza através de sujeitos individuais, nos quais suas experiências se concretiza na forma individualizada de sua produção (GONZÁLEZ-REY, 2002, p. 28).

O autor assegura que para compreender a ciência ocorre como uma produção diferenciada de indivíduos com trajetórias individuais únicas pressupõe recuperar o lugar central do cientista como sujeito de pensamento (GONZÁLEZ REY, 2002, p. 28), pois desta forma, é possível perceber a implicação do teórico e sua relação com o objeto de pesquisa, sendo este um dos princípios fundamentais da pesquisa qualitativa. Deste modo,

a pesquisa qualitativa admite ao pesquisador imergir de maneira compreensiva no desvelamento das camadas que obscurecem a significação dos fenômenos estudados, estimula-o a aprender o sentido subjacente ao acontecimento, levando em conta sua complexidade e particularidade, não objetivando alcançar a generalização, sim o entendimento das singularidades, ou subjetivo e da comunalidade, ou do intersubjetivo (PIMENTEL; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2009, p.26).

Destacamos a importância da postura do pesquisador na operacionalização do método, pois, é a partir dele que se inicia a construção do vínculo para que o pesquisado se sinta confortável e seguro para revelar sua história de vida. Assim o pesquisador participa de forma atuante na pesquisa, pois, ao mesmo tempo em que observa, está também se observando como pessoa, e é impactado pelo fenômeno que está investigando e estabelece uma relação entre pares com o sujeito. Assim, a realidade é captada pela observação do pesquisador, sentida e descrita por ele.

Este tipo de pesquisa tem como estrutura básica três princípios: o primeiro concebe o conhecimento como uma *produção construtiva-interpretativa*, no qual o pesquisador agrega os dados obtidos durante a pesquisa não tomando-os apenas de forma isolada; o segundo refere-se a um *caráter interativo do processo de produção do conhecimento*, no qual é enfatizado a relação estabelecida entre o pesquisador e o pesquisado, tendo um cunho interativo no processo de construção do conhecimento; o terceiro princípio é a *significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento*, no qual se dá ênfase ao qualitativo, ou seja, a qualidade de sua manifestação define-se na observação das necessidades que aparecem no transcurso da pesquisa, atribuindo-lhe caráter singular e subjetivo (GONZÁLEZ REY , 2002).

O critério bola-de-neve foi o método de amostragem escolhido, o qual é considerado por Turato (2003) como adequado para pesquisas qualitativas:

O método de amostragem por bola-de-neve é utilizado quando o pesquisador tem interesse em determinado assunto e/ou fenômeno. O pesquisador investiga, ouve determinada pessoa que pode dar informações acerca do fenômeno pesquisado e partindo-se de uma primeira, pessoa pode se chegar à segunda, sendo esta recomendada pela primeira, e assim partindo-se para vários casos (TURATO, 2003, p. 251).

Nesta pesquisa, utilizamos a técnica da entrevista semidirigida com perguntas abertas como técnica para a coleta de dados, pois esta direciona o participante ao tema investigado,

mas também oferece a ele autonomia para abordar sua história na ordem que lhe convier. Bem como, possui como característica uma maior aproximação com o entrevistador. Sobre este aspecto, Turato (2003) revela:

É um instrumento precioso de conhecimento interpessoal, facilitando, no encontro face a face, a apreensão de uma série de fenômenos, de elementos de identificação e construção potencial do todo da pessoa do entrevistado e, de certo modo, também do entrevistador (TURATO, 2003, p. 308).

A partir da coleta de dados foi realizada a análise dos dados. Verificamos a necessidade de efetuar uma leitura global das entrevistas, com o objetivo de compreender o discurso dos informantes para assim identificar as categorias de análise que emergem da fala dos mesmos. Após a leitura e releitura dos discursos e da assimilação das unidades de significado de cada participante acerca da temática, as mesmas foram agrupadas em categorias. Em casos em que aconteceu a repetição entre temas, estes foram reagrupados. Posteriormente a esta primeira etapa, recorreremos à fenomenologia e à metodologia gestáltica para fundamentar as análises.

Na psicologia entrelaçamos a fenomenologia existencial e a metodologia gestáltica do contato da awareness e da relação (PIMENTEL; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2009, p. 31). Retomando a consideração que há uma diversidade nos enfoques fenomenológicos, ressaltamos que no Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas (NUFEN) abordam-se os temas investigados a partir da perspectiva da fenomenologia existencial hermenêutica e a metodologia gestáltica, somando o desvelamento das linguagens dos informantes, as intencionalidades da consciência e o discurso que forma a obra de cada informante.

A metodologia gestáltica permite o esclarecimento da consciência das necessidades que cada um tem de si mesmo, das interações e relações que estabelece, do contexto geográfico e suas repercussões psicológicas, da inserção em uma cultura e da sua historicidade. Os modos que delimitam o esclarecimento são construídos e desconstruídos na cotidianidade existencial (PIMENTEL; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2009, p.31).

Os procedimentos utilizados foram: (1) Submissão do projeto ao comitê de ética do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (UFPA) para obtenção da autorização para a coleta de dados; (2) Identificação dos participantes da pesquisa: casais foram nossos informantes. Utilizamos como critérios para a escolha dos participantes, casais que tivessem entre 4 a 6 anos de tempo de vida conjugal e entre 30 a 40 anos com filhos.

A premissa de ter filhos está relacionada ao mito, que circula socialmente e que os casais alimentam, de que os filhos mantêm os casamentos mesmo quando não haja mais afeto entre os cônjuges. A técnica de amostragem bola de neve que Turato (2003) descreve foi a base para a seleção do primeiro casal, todos integravam a rede de contato da pesquisadora. Foi realizado um contato inicial, onde os participantes em potencial foram informados através de ligação telefônica, sobre a temática da pesquisa para consentir em integrar o grupo de informantes. Com a aceitação e permissão dos participantes, foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido² e realizadas as entrevistas semidirigidas³ no consultório de psicologia da pesquisadora.

O consultório foi o ambiente escolhido para deixar cada sujeito à vontade, obter adesão ao projeto de pesquisa, estabelecer intimidade e confiança, transmitir segurança que não seria uma consulta terapêutica para fazer aliança com um dos integrantes do casal em detrimento do outro. Metodologicamente desenhamos um delineamento de pesquisa em que realizamos uma entrevista com cada membro do casal individualmente. Deste modo, temos ao todo, 6 entrevistas realizadas. A duração de cada entrevista foi em média de uma hora e 15 minutos. As entrevistas foram gravadas e os informantes devidamente resguardados em suas identidades, prezando o sigilo e a ética; posteriormente foram transcritas e analisadas.

As questões abordadas foram: 1) como conheceu seu esposo/a? 2) Como vê seu casamento atualmente? 3) Este modo atende sua expectativa antes do casamento? 4) Por que escolheu casar? 5) Da sua família de origem o que você traz para a relação? 6) Existem conflitos? O que geralmente ocasiona o conflito? 7) Quais as soluções encontradas para lidar com este? 8) Qual (quais) os seus limites para permanecer na relação? 9) Quem você acredita que investe mais na harmonia do casal?

A entrevista individual de cunho reflexiva foi realizada, caso ela mobilizasse algum aspecto emocional e algum dos sujeitos sentisse necessidade de expressá-lo, a entrevistadora, sendo psicóloga, informou que estaria disponível para oferecer suporte psicológico aos mesmos.

Para fins de apresentação do material coletado, no processo de identificação das participantes, usamos os pseudônimos Romeu e Julieta (6 anos de casados) o primeiro casal entrevistado, seguidos de Tristão e Isolda (4 anos de casados) e Marília e Dirceu (6 anos de casados). Os trechos transcritos das entrevistas foram fielmente mantidos, sem correções

² ANEXO A

³ ANEXO B

semânticas, gramaticais ou ortográficas. Esperamos com a pesquisa oferecer a comunidade científica mais um referencial teórico, baseado na epistemologia fenomenológica existencial, acerca da conjugalidade contemporânea e contribuir para os desdobramentos de futuras pesquisas.

III – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção tratará da análise dos resultados da pesquisa de campo feita com uma amostra de 3 casais, sendo no total 6 sujeitos entrevistados. Inicialmente descreveremos o perfil dos casais, na ordem em que foram entrevistados. Posteriormente, apresentamos as unidades de significados que emergiram no discurso dos mesmos, a partir do referencial teórico apresentado nesta pesquisa. O critério para a escolha dos participantes e a metodologia da pesquisa já foram descritos anteriormente, e se encontram no capítulo 2.

Durante a realização da entrevista, oportunizamos um ambiente tranquilo e de acolhimento para favorecer a expressão dos sentimentos e do discurso visto que a temática refere-se à intimidade do casal, bem como para possibilitar a partir das perguntas, aguçar suas percepções sobre o tema. Para manter o caráter sigiloso da identificação dos participantes, os casais serão nomeados por pseudônimos: Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, Marília e Dirceu.

3.1 – PERFIL DOS INFORMANTES

- Casal 1: Romeu e Julieta:

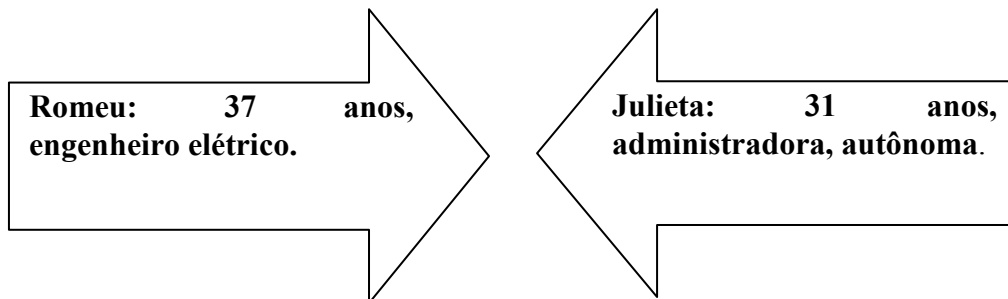


Figura 1: Esquema representativo de participantes. Casal 1: Romeu e Julieta.

Breve histórico: Conheceram-se num cursinho preparatório para concurso. Ambos vinham de um relacionamento conturbado. Namoraram 1 ano e 2 meses. O tempo de vida conjugal é de 6 anos. São pais de um menino de 5 anos. A entrevista foi realizada em Abril de 2010.

- Casal 2: Tristão e Isolda:

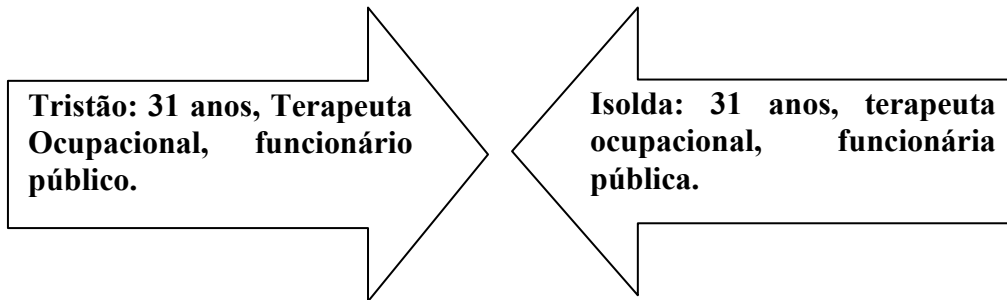


Figura 2: Esquema representativo de participantes. Casal 2: Tristão e Isolda.

Breve histórico: Conheceram-se na faculdade. Eram amigos e começaram a namorar em 1999. Moravam próximo um do outro. Casaram no civil (ele é evangélico e ela é católica). Estão casados há 4 anos e meio. Possuem uma filha de 1 ano. A entrevista foi realizada em Junho de 2010.

- Casal 3: Dirceu e Marília

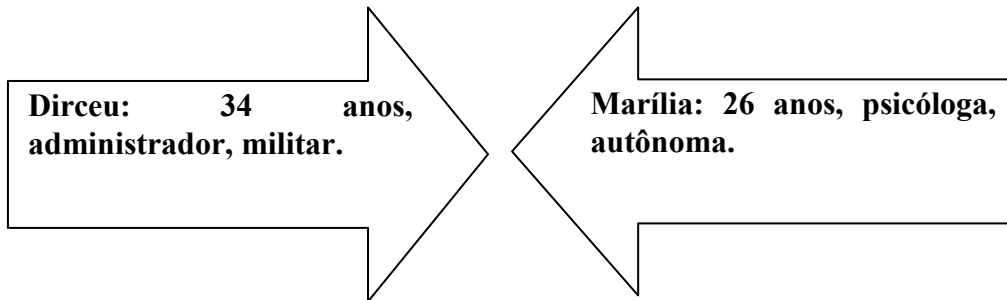


Figura 3: Esquema representativo de participantes. Casal 3: Dirceu e Marília.

Breve histórico: O primeiro contato que tiveram foi através da internet, conheceram-se num sala de bate-papo. Após este contato inicial conversaram por telefone algumas vezes e resolveram se encontrar pessoalmente. Namoraram 8 meses e depois casaram. Ela o pediu em casamento. Tem uma filha de 4 anos. A entrevista foi realizada em Junho de 2010.

3.2 - OS CASAIS SE EXPRESSAM

A primeira etapa da análise e discussão dos dados ocorreu a partir da transformação dos discursos em textos. Foram identificadas questões com ricos significados sobre o objeto pesquisado. Estabelecemos 6 *Unidades de Significados*: 1. Visão atual do casamento; 2. Expectativas acerca do casamento; 3. Questões transgeracionais; 4. Conflitos; 5. Estratégias

para lidar com os conflitos e 6. Limites para permanecer na relação. As Unidades 4. Conflitos e 5. Estratégias para lidar com os conflitos se subdividem em outras categorias, são elas: (4) Filhos; Dinheiro; As diferenças; (5) Comunicação; Nível de investimento na relação.

3.2.1 - Visão Atual do Casamento: Estabilidade, Maturidade x Crise

Esta primeira categoria refere-se a como os casais veem seu casamento atualmente, ou seja, o que os casais conseguem identificar a priori acerca da convivência mútua. Observamos no discurso inicial do casal o nível de consciência que possuíam do seu casamento, a sintonia e a disparidade na forma de cada um perceber a relação conjugal. Acerca do momento atual vivenciado, o discurso dos casais Romeu e Julieta e Marília e Dirceu foi de que viviam um momento de **estabilidade e maturidade no qual a confiança** no parceiro se fazia presente.

Marília: Vejo um relacionamento hoje muito mais estável e mais tranquilo, o início é a pior fase. No início tínhamos muitas brigas por coisas pequenas, hoje em dia pensamos juntos, pensamos como um casal. Conseguimos adquirir esse amadurecimento.⁴

Dirceu: Nosso grau de maturidade hoje em dia, tem pessoas que demoram muito para encontrar. Temos situações de entendimento. A gente sabe que podemos confiar no outro. Vejo meu casamento maduro, porque conversamos muito e confiamos um no outro.⁵

Julieta: Estável. Hoje temos nosso espaço, nossa casa. Amadurecemos muito em nosso relacionamento. Acho que às vezes reclamo demais, pois quando paro para pensar me dou conta de que meu casamento é bom.⁶

Romeu: Vejo o meu casamento como estável, e para mim isso é ter sintonia com a pessoa que você está vivendo ter um pensando quase no mesmo sentido. Não dá para ser 100% mas 80%.⁷

O discurso de Tristão e Isolda diferiu dos outros dois casais, ambos revelaram estar em um momento de **crise** na conjugalidade, a qual começou a partir do nascimento da primeira filha do casal. Trataremos detalhadamente desse aspecto mais tarde. O discurso do casal sobre a visão atual do casamento é:

Isolda: Casamento é companheirismo, acima de tudo. Dividir a tua vida com uma outra pessoa, o que não é fácil. (...) O meu casamento hoje está passando por um momento instável (...) Continuamos assim do jeito que éramos antes, amigos, a gente se gosta, mas às vezes se aborrece com pouca coisa. A gente esta ensaiando uma melhora. Mas esse semestre foi difícil.⁸

Tristão: Depois de 4 anos e meio, não posso dizer que já passamos por tudo, mas já passamos por momentos bons e momentos não tão bons. Hoje vejo

⁴ C.f. Entrevista na íntegra no Anexo C

⁵ C.f. Entrevista na íntegra no Anexo D

⁶ C.f. Entrevista na íntegra no Anexo E

⁷ C.f. Entrevista na íntegra no Anexo F

⁸ C.f. Entrevista na íntegra no Anexo G

meu casamento estável, mas já esteve instável há uma semana atrás. Estamos conversando, tentando nos entender.⁹

A fala acerca do fator instabilidade despontou mais facilmente no discurso para Isolda do que para Tristão. Ele referiu à instabilidade nas verbalizações, porém o não verbal, ao pronunciar que atualmente observa estabilidade no casamento, denunciou o contrário. Como se ainda estivesse precisando confirmar tal fato. Consideramos importante mencionar que durante a entrevista questionamos os participantes, sobre o que eles entendiam por **estabilidade** no casamento:

Julieta: Estável para mim é não brigar muito, termos nosso lugar, um trabalho, nossas coisas.

Romeu: Estabilidade para mim é: eu ajudá-la e ela me ajudar nas coisas para nossa família. É essa sintonia que eu acabei de falar. De não necessariamente pensar tudo igual, mas 80% sim.

Tristão: Estabilidade é não vivenciar tantos conflitos. Como eu tinha 7 anos de relacionamento, viajamos juntos, eu achava que já tinha vivido conflitos suficientes, já nos conhecíamos o suficiente para não ter que viver determinadas coisas no casamento, então não esperava que houvesse esse estremecimento, não esperava. Eu esperava encontrar uma continuidade daquela vida.

Isolda: Um casamento estável não é a ausência de conflitos, porque isso é impossível, mas é poder manter o companheirismo, fazer as coisas juntos, ter mais paciência um com o outro, por exemplo.

Marília: Ter um relacionamento tranquilo com companheirismo e amor.

Dirceu: A tranquilidade que você vive no dia-a-dia, com companheirismo, respeito e aceitação do outro.

Outra figura emergente no discurso de quase todos os participantes, com exceção de Romeu, foi a dificuldade de adaptação no primeiro ano de casamento. Mesmo aqueles que já possuíam um tempo maior de namoro, revelaram ser este um momento crítico na vida do casal. Elencamos três falas que abrangem bem este aspecto da vida conjugal:

Tristão: O primeiro ano de casamento foi muito difícil. É aquele momento de adaptação, as manias, aos hábitos que você não tem acesso quando só namora. A gente teve um relacionamento logo antes do casamento, mas dividir 24 horas o mesmo teto, tem alguns complicativos. O primeiro ano foi um pouquinho difícil neste sentido, aí depois o segundo ano já foi de mais estabilidade maturidade. E aí foi melhorando, depois da crise do primeiro ano veio um marco no casamento que foi o nascimento da bebê que acabou de completar 1 ano.

⁹ C.f. Entrevista na íntegra no Anexo H

Marília: No início quando eu brigava não fazia nada para melhorar a situação. Era bem difícil, porque ele tem um jeito de ser e eu tenho outro, até a gente se organizar nisso, demorou um pouquinho. É a fase de adaptação.

Dirceu: no início foi mais difícil, mas foi adaptação. Foi uma história muito curta namoramos só 8 meses. Nunca tinha morado só, então no primeiro dia me perguntei: o que eu to fazendo aqui? Na lua de mel foi ótimo, mas depois da viagem me vi só com ela. Ela tem as questões pessoais dela e eu as minhas, no primeiro ano foi mais difícil, mas nunca de querer separar.

Esta dificuldade no momento inicial do casamento se dá em virtude de o casal deparar-se com uma nova configuração da relação que é o casamento. Ambos deixam de ser namorados e passam a ser marido e mulher. Assim, nos primeiros anos de vida conjugal, o casal depara-se com o novo e precisam de um tempo para assimilar e adaptar-se a nova vida. Portanto, congruentes com a abordagem gestáltica, observamos que o conceito de contato proposto por Perls (1951) comporta tal entendimento, visto que contatar se dá pela via inicial do experienciar, para assimilar e posteriormente discriminar aquilo que é saudável ou não.

3.2.2 – Expectativas da Relação Conjugal

Esta unidade de significado objetivou verificar se as expectativas do casal, antes do casamento, atendiam o modo como a conjugalidade dos mesmos é vivenciada atualmente. Sobre as expectativas depositadas na relação conjugal e sobre o par, Silveira (1998) aponta:

Um olhar leigo para o casamento permite vê-lo como a possibilidade de duas pessoas se unirem para construir algo novo. Os parceiros pretendem constituir um novo grupo familiar e vêem-se maduros o suficiente para esse empreendimento. Encontram alguém muito especial em quem depositam a esperança de compartilhar amor e sexo, dividir economias e conhecimentos, aliviar dores e sofrimentos, confirmar valores, realizar juntos os sonhos e expectativas comuns a todos os casais (SILVEIRA, 1998, p. 17).

A constituição da relação conjugal inicia-se a partir do que esperam dela, podendo ser a expectativa ponto de sintonia entre o casal ou de emergência de conflitos. Estes ocorrem, geralmente, quando as fronteiras se mantêm rígidas e não há espaço para novos modos de ver o casamento. Emergiu no discurso dos participantes:

Julieta: É difícil dizer que não é do jeito que eu imaginava: eu sempre imaginei a gente casar, ter filhos, mas eu engravidei antes de casar, só que perdi o bebê e mesmo assim decidimos casar, mas eu imaginava que a gente ia crescer juntos, mas tem momentos que ele sai do que eu pensava, mas às vezes para melhor. Mas tem coisas que me incomodam. E, aí a gente briga.

O casal Tristão e Isolda referiu que o casamento de ambos, como se configura atualmente, não atende às suas expectativas iniciais. Enquanto que o casal Marília e Dirceu revelou que o casamento, para ela, supera e, para ele, atende às expectativas que tinham antes de casar:

Marília: Supera minha expectativa, como eu casei muito nova. As pessoas achavam que eu não ia conseguir ficar casada muito tempo e no fundo eu achava isso, que não ia conseguir um relacionamento duradouro.

Dirceu: Eu sempre esperei alguém que me amasse, que eu amasse e que gostasse da minha família e que minha família gostasse. Meus pais vão fazer 50 anos de casados, e eu tenho uma relação familiar, então eu a amo, ela me ama ela gosta da minha família. Então o casamento atende minha expectativa.

Expectativas muito diferentes entre os cônjuges, bem como idealizações que não condizem com a realidade, podem gerar frustrações e conduzir o casal a não conseguir lidar com o cenário e levar a uma possível separação.

Nesta categoria ao mesmo tempo em que observamos respostas singulares, saindo do ponto em que um participante referiu não ter expectativa nenhuma à outra resposta no qual o amor é idealizado e eterno, do tipo visto nos contos de fadas e filmes, (Vale mencionar que este paradoxo foi encontrado no discurso do casal Romeu e Julieta), tivemos como unanimidade, a expectativa de constituir família como resposta dada pelos casais.

3.2.2.1– Ausência de Expectativa

Neste item, verificamos uma resposta que difere dos outros dados obtidos e, possivelmente, revela uma característica da forma de ser do participante em questão. Este elemento é o paradoxo das exacerbadas expectativas que são atribuídas ao relacionamento conjugal.

Romeu: Nunca fiz um projeto assim longe, sempre foi no dia a dia mesmo. Tem que viver o momento, sempre pensei assim.

3.2.2.2– Amor Idealizado

A expectativa gira em torno da crença de que o relacionamento conjugal é eterno, ou de que o casamento se configura como uma continuidade do namoro. Verificamos que as idealizações ainda emergem no discurso das mulheres, mais do que na fala dos homens.

Julieta: Eu sempre tive um lado tradicionalista, namorar, noivar e casar e foi assim que aconteceu comigo! Meu sonho era arranjar um namorado de ter a primeira relação sexual com ele, de casar e ficar junto para sempre.

Tristão: Eu esperava encontrar uma continuidade daquela vida (puro engano) [esta frase o participante diz no meio da fala, como se falasse para si mesmo]

de tranquilidade porque a gente tinha um relacionamento muito tranquilo. Tem casais e casais, né?! Mas a gente não era de brigar, não lembro de nenhuma briga assim de alteração. De namoro ao noivado nunca tivemos um atrito, nada. Era perfeito demais para ser verdade. Minha expectativa era que fosse uma continuidade, de tranquilidade, eu pensava se deu tudo tranquilo até agora afinal, vivemos tanto tempo juntos, afinal de contas 7 anos são muito tempo, eu imaginava: esta relação não tende a colher tantos problemas no futuro!

Isolda: Mas, por exemplo, antes a gente tava junto e cada um ia para sua casa, e depois que casamos íamos para casa juntos, cozinhávamos juntos, fazíamos várias coisas juntos, então depois de casar foi até melhor do que eu imaginei.

3.2.2.3 – Constituir Família

Os sujeitos desta pesquisa revelam no discurso que buscaram no casamento a concretização do desejo de constituir uma família.

Julieta: Eu sempre sonhei em constituir família, ter um lar, uma casa, marido e filhos. Poder ter meu lugar, meu espaço, minhas coisas. Escolhi casar para poder vivenciar isso. Como te falei anteriormente, antecipei meu casamento porque engravidei, mas eu já pensava nisso muito antes.

Romeu: Constituir família, ter minha esposa e filhos;

Isolda: Ah! A gente escolhe casar porque quer constituir família, né?! E assim sempre quis isso, achava que também conseguiria uma independência maior, me veria com mais autonomia do que na casa dos meus pais. Queria viver isso, ter o meu lugar, tomar minhas próprias decisões. Amo meu marido, nos dávamos super bem na época, então resolvemos casar.

Tristão: Chega um ponto na vida que você observa que já é a hora. Escolhi casar porque encontrei alguém que amava, tínhamos uma convivência muito boa antes do casamento, viajávamos juntos, quase não brigávamos. Achava isso ótimo.

Marília: Eu escolhi casar porque queria um companheiro. Procurei companheirismo, e ele é muito mais que um marido, ele é um companheiro, meu ombro amigo, um porto seguro para mim.

Ao que se refere a este item verificamos que esta categoria corrobora com a perspectiva gestáltica de que:

Somos seres constituídos por relações, ou seja, nascemos e vivemos nos relacionando, e não há absolutamente nada em nós que tenha sido criado sem a presença do outro (...) nossa singularidade constitutiva só pode se constelar no contexto de uma relação, já que não podemos saber quem somos se o outro não confirmar nossa existência (CARDELLA, 2009, p. 26).

Levantamos como hipótese, também, a possibilidade de os sujeitos escolherem o casamento em virtude de uma construção social. Fator observado no discurso de Dirceu:

Dirceu: Sou militar. Tem uma hora em que você é cobrado a constituir família. Eu já estava com quase 30 anos e ainda não tinha casado, foi quando a conheci. Nos demos super bem e eu não pensei duas vezes. Escolhi casar para constituir isso tudo o que tenho e que te falei agora.

3.2.3 – Questões Transgeracionais

Esta categoria tem sua objetividade identificada nos introjetos familiares que são passados de geração em geração. Verificamos na maioria das respostas que as referências familiares de cada participante são os pais, exceto uma participante que refere inspirar-se nos sogros e um participante que revela não trazer nenhuma referência da família de origem. Os pontos identificados foram os seguintes.

3.2.3.1 – Fidelidade no Casamento

Este componente remete ao ideal da fidelidade eterna, fator bastante preponderante nos casamentos do fim do século XIX e de todo o século XX, o *boom* do capitalismo enquanto sistema econômico e orientador da configuração das sociabilidades (D’NICAIO, 1996; TRIGO, 1989; LINO, 2009).

Convém ressaltar que a fidelidade era e continua sendo uma exigência feita a mulher, pois ela é a mais cobrada. Caso a mulher não atenda essa expectativa é atacada em sua moral, sua integridade física é subjugada e humilhada e, por vezes, morta. Ainda hoje verificamos que a traição é vista de maneira diferente quando se refere ao homem e à mulher. Conforme, isto ocorre devido à socialização masculina que desde cedo orienta os meninos em uma lógica em que a dominação do próprio corpo e do afeto, bem como do corpo e do afeto da mulher são práticas comuns (WANG; JABLONSKI; MAGALHÃES, 2006).

O modelo de virilidade que imperou inquestionável até bem pouco tempo deu origem a um processo de socialização opressivo e estereotipado, através do qual o menino aprende a ignorar suas necessidades afetivas, desvalorizando aquilo que sente ignorando seus desejos mais íntimos. Meninos crescem estimulados a ser livres e independentes, a contar vantagens e alardear seus méritos, desenvolvendo o senso de competitividade como uma das principais características à sobrevivência na vida adulta. A preocupação com o desempenho será uma constante ao longo de toda a vida e, desde cedo, eles são incentivados a participar de atividades e jogos nos quais só há duas possibilidades: vencer ou perder. É como se não existisse o prazer pelo jogo em si, independentemente de seus resultados. O perdedor é invariavelmente desprestigiado e o vencedor é enaltecido e festejado, já que essa é a lógica masculina freqüentemente observada na esfera pública, cujos ideais foram intensamente reforçados pelos valores do capitalismo liberal (WANG, JABLONSKI e MAGALHÃES, 2006, p. 65).

No relato da informante, podemos observar a forma como a mulher é cobrada acerca da fidelidade e integridade.

Julieta: Da família de origem trago a fidelidade. Minha referencia é a mamãe, eu tenho a imagem da Vovó e da mamãe, depois que cresci vi que a mamãe trouxe isso dela. Porque na relação da mamãe eu a via sempre integra, ela é fiel, a mamãe sempre teve o lado dela e ele sempre respeitou isso. Ela sempre foi a figura exata, sempre foi mulher, sempre foi mãe. Eu trago de lá essa forma, agressão física eu nunca vi. Carrego a forma dela ser comigo, tanto o jeito dela ser de forma conjugal quanto o jeito como pessoa.

3.2.3.2 – O Homem Como Provedor Da Família

No Pará, de acordo com os dados da pesquisa nacional por amostra de domicílio (PNAD) realizada pelo IBGE, cerca de 638 mil mulheres exercem hoje a função de chefe de domicílio, com ou sem emprego formal e com baixa remuneração, colocando estado como o primeiro do norte nesse aspecto, com 44% das mulheres chefes da família da região. No entanto, mesmo atualmente, vivendo em tempos de intenso trabalho da mulher, inclusive com mulheres sozinhas chefiando famílias, os dados colhidos revelam que, ainda permeia no imaginário masculino a ideia de que é papel do homem a responsabilidade pelo provimento do lar.

Romeu: O casamento da mamãe já dura 40 anos e uns trocados, meu pai nunca deixou a gente com fome, na rua fazendo farrá. Ele é minha referência, primeiro a casa depois o resto. Sempre dei preferência para minha família, às vezes o trabalho prevaleceu, e eu tendo a seguir este caminho.

Corroborando com estas ideias, Pimentel *et al* (2009) revela que compõe a subjetividade masculina do homem belenense o ideal de ser o provedor, ser o chefe do lar, ter autoridade e responsabilidade. Revelando que eles dão ênfase aos papéis sociais, elencando qualidades como: o caráter, ter atitudes de homem, ser decidido, ter opinião própria e saber agir em situações difíceis.

3.2.3.3 – Família Confluyente

Este elemento aponta para o fato de que as famílias de origem com um funcionamento confluyente, no qual as fronteiras não são devidamente estabelecidas, tendem a uma interferência, que pode prejudicar o relacionamento do casal.

Isolda: Meus pais são pessoas que se respeitam muito, eles se aborreciam um com o outro, mas nuca ninguém gritava, chamava palavrão, mas assim, eu acho que eles foram exemplos até um certo ponto. Eles são muito diferentes e eu não sei nem como eles conseguem viver nessas diferenças. Eu e o meu esposo somos mais parecidos. Outra coisa muito forte é que a minha família é muito vinculada. Minha família materna, sempre passamos natal juntos, sempre estamos juntos, os momentos importantes sempre estamos, juntos, somos muito companheiros. Temos nossas diferenças eu, meu pai, minha irmã

e minha mãe. Mas conseguimos nos entender. Essa coisa de querer estar juntos sempre perto. Isso coisa é da minha casa.

3.2.3.4 – Confiança, Companheirismo e a Criatividade

Um casal elenca a confiança, o companheirismo e a criatividade como sendo elementos percebidos em suas famílias de origem e que emergem como fator fundamental para manter a relação de maneira harmoniosa para ambos.

Marília: Os pais dele são meu referencial de casal. Minha referência de família mudou, eu acho que existe confiança na forma como eles se relacionam, estão sempre juntos, tem bom humor, eles brincam muito um com o outro. Da minha família de origem não sei te dizer o que trago, mas me vejo fazendo coisas pequenas, mas não é forte, coisas como conversar com ele enquanto se arruma para trabalhar, minha mãe faz isso com meu pai e isso eu não vejo nos pais deles, e eu faço isso.

Dirceu: meus pais são minhas fontes de inspiração. Companheirismo amizade, a brincadeira. Confiança, estar sempre conversando, isso eu trago da relação deles.

O participante Tristão afirma no discurso não trazer nenhuma referência dos pais. No entanto, no decorrer de sua fala refere que vivenciou algumas situações, as quais define como qualidades, que se repetem no casamento. Entendemos que mesmo nos casos em que o sujeito negue a influência das questões transgeracionais, este elemento se apresenta nas interações que estabelece com o outro. A fala do participante expressa com clareza tal fato:

Tristão: Não tenho nenhuma referência familiar, me baseio no que eu entendo que é bom sobre relacionamento. O que eu penso que pode ser interessante para o relacionamento saudável, sobre a relação, eu fui construindo ao longo da minha vida. Mas eu não me espelho nem na minha casa, nem no meu pai e nem na minha mãe. Eu trago coisas da minha família de origem, mas não serve como parâmetro [participante refere-se ao relacionamento dos pais, maneira de relacionar de ambos], mas o respeito, o gostar do convívio familiar, são algumas qualidades que eu vivi que eu trago para o meu casamento, mas não é o parâmetro.

3.2.4 – Conflitos

Para a abordagem gestáltica todo o conflito é fundamentalmente um conflito nas premissas da ação, um conflito entre necessidades, desejos, fascínios, imagens de si próprio, objetivos alucinados (PHG, 1997, p. 216). Quando se trata de relações conjugais, a cada cônjuge é solicitada uma abertura da sua fronteira de contato, para que os conflitos não se tornem crônicos, não destruam os vínculos afetivos, o amor e o casamento. Por isso, requerem ainda ajustamentos e reajustamentos criativos constantes (PIMENTEL, 2011).

No discurso dos casais a questão financeira é apontada como a maior geradora de conflitos entre o casal. Porém, identificamos, também, a dificuldade de aceitação ao que se refere à diferença entre ritmos na maneira de gerenciar a vida e a entrada do filho na relação.

3.2.4.1 – Filhos

Na psicologia, os estudos voltados para as questões familiares, revelam que a inserção do filho na vida conjugal gera interferências significativas. A rotina muda e, conseqüentemente, novos papéis a serem desempenhados são exigidos do casal. Em todas as entrevistas realizadas os participantes revelaram algum aspecto relacionado aos filhos, na maioria delas verificamos que gerou crises na conjugalidade, sendo um elemento crítico na interação do casal, visto que o nível de demanda aumentou, por exemplo, o cuidado com uma terceira pessoa que é totalmente dependente de ambos. Em contrapartida, os participantes também revelam que em alguns momentos esta pode aproximar o casal. Apresentando-se assim um paradoxo, um sentimento ambivalente, no qual há, ora abalo nos vínculos ora aproximação em decorrência da necessidade da responsabilidade compartilhada.

Julieta: Também me sinto sobrecarregada com as coisas que preciso dar conta em casa. O cuidado com o nosso filho, os afazeres domésticos. Às vezes sinto que ele não tem noção de quantas coisas são necessárias, por exemplo, tem festinha na escola, precisa comprar presente para amiguinha que faz aniversário.

Romeu: Na criação do nosso filho eu ajudo no que eu posso, apesar de confessar que deixo tudo mais a cargo dela. Tenho uma ótima relação com ele, mas às vezes eu e ela brigamos porque não concordo com algumas posturas dela em relação a ele. Isso gera um conflito entre nós.

Isolda: Eu achava que uma criança não me mexia muito com a rotina do casal. Me enganei! Agora ela está andando então os dois precisam estar atentos. Estamos num momento atípico, e agora não consigo separar sem a situação do filho. E agora na criação com a filha vem a minha forma maternal e a dele liberal e isso gera um conflito, mas ele tem uma forma muito legal. Com o nascimento da nossa filha a coisa fica difícil, tem que pensar em arrumar berço, carrinho, papinha. Estamos passando por um momento de adaptação depois da vinda dela. Filho dá trabalho. Às vezes tu tá cansado e se aborrece com besteira.

Tristão: A bebê fez 1 ano e agora, nós tivemos uma outra crise, por múltiplos fatores, mas eu acho que a presença da criança influenciou bastante porque você não se dedica tanto, é um fator de estresse a mais, demanda mais tempo, você tem que conciliar atenção à criança o que demanda muito trabalho, é uma demanda a mais e só por ser uma demanda a mais isso já causa, muitos conflitos.

Abaixo apresentamos o discurso do casal que revela o nascimento da filha como sendo fator de aproximação do casal:

Marília: No início com o nascimento da G. (filha do casal) foi muito difícil, adaptar uma nova pessoa, ter a noção de que tinha uma terceira pessoa na família. Dividir a atenção dela com ele, mas ele foi muito compreensivo, e o mais importante é que consegui perceber que foi comigo. Não entramos em conflito e ele contribuiu muito para isso.

Dirceu: Com o nascimento da nossa filha, acho que tudo ficou melhor. Ela sentiu um pouco, mas para mim foi tão importante que parece que nos uniu mais. Ela (filha) só nos dá alegrias.

A partir dos discursos dos casais, constatamos a influência que a entrada do filho gera na vida compartilhada pelo casal. Observamos que quando há uma boa definição da fronteira da conjugalidade, a presença dos filhos acontece de maneira saudável. Porém, é comum que os sujeitos não consigam diferenciar os papéis de esposa e esposo para o papel de mãe e pai, permitindo assim que as influências na díade “casal” se tornem conflitos, gerando uma crise no casamento (SILVEIRA, 1998).

3.2.4.2 – Dinheiro

O dinheiro emerge no discurso dos casais como um elemento desencadeador de conflito. Acreditamos que a exigência da sociedade capitalista a qual esta microparcela de participantes representa, para que se tornem consumistas, gera uma pressão para que bens sejam adquiridos, gerando nas pessoas a crença de que isto é fundamental para alcançar a tão sonhada “felicidade”. A questão financeira também representa para os mesmos a possibilidade da segurança financeira e da responsabilidade em prover o lar. Este ponto é observado no discurso dos homens, visto que eles demonstram maior preocupação com esta situação.

Julieta: O que mais mexe com a gente é a questão financeira. Discutir estas questões, porque ele sempre acha que faço gastos desnecessários, mas é que eu penso em coisas que ele não pensa, então às vezes fica difícil entrar num consenso e acabamos brigando. Um exemplo é a aquisição de roupas, ele não acha isso importante e eu acho, comprar uma lembrancinha para um aniversário que fomos convidados, ou coisas de mulher, como o salão.

Romeu: Cada um tem seu problema, as suas dificuldades e a minha companheira com relação às finanças, esse é o ponto de conflito entre nós. Desorganização meu e dela finanças. Faço projetos financeiros e ela não. Todos os relacionamentos que eu vejo que foram abalados, tem a ver com situação financeira ou com relacionamentos paralelos.

Marília: Com certeza nosso maior ponto de conflito é a questão financeira. Ele é mais organizado com isso, eu às vezes, principalmente antes, não me preocupava tanto com isso e ele acabava se aborrecendo, então entrávamos em conflito. Eu não me interessava em sentar conversar, organizar, fazer planos e projetos, por exemplo, se deveríamos trocar o carro ou não.

Acerca da influência da sociedade capitalista nas relações, verificamos também que na sociedade atual a tendência se dá para que os sujeitos tenham uma postura que prima pela individualidade em detrimento da coletividade. Assim, no discurso dos participantes, os dados coletados apontam para questões de ordem da individualidade de cada um, que muitas vezes não se equaliza com a coletividade, ou seja, com as demandas do casamento.

3.2.4.3 – As Diferenças

As diferenças que emergem na interação com o outro, no qual se podem visualizar as diferenças de valores, ideias, forma de ser, como cada um gerencia seu dia-a-dia e o cotidiano em comum como cada um se vê e vê o outro na relação. Também foi possível observar se as diferenças geram interferências muito decisivas na vida em comum.

Romeu: Não adianta mulher e homem são diferentes. Mulher age com o coração. O homem usa a razão.

Isolda: Vejo algumas diferenças logo pelo jeito de eu ser com minha família, na minha casa as pessoas são mais vinculadas e na família dele mais desvinculados, ele mora em Belém e a família dele em Macapá. Eu falo todos os dias com a minha mãe e ele com a mãe dele uma vez ou outra. Ele acha que filhos a gente cria para o mundo e eu penso que vou criar um filho para ficar aqui. Eu sou mais maternal e ele liberal. E às vezes entramos em atrito com isso. Ele às vezes não me participa algumas situações da família dele porque ele é desligado e eu não, e quando sei da situação por outra pessoa isso me deixa mal (...). Eu sou mais quente de brigar, de falar e ele é mais tranquilo, mais calmo. Ele digere as coisas com mais calma do que eu. E os conflitos são mais fáceis de lidar pela forma dele. Porque se os dois fossem da mesma forma que eu, ia ser mais difícil. Hoje ele está um pouco mais brigão e eu um pouco menos.

Tristão: Ela fala mais do que eu, eu falo menos. Eu acho que o homem é mais difícil na discussão da relação, para discutir relação. Mas eu acho que não é falta de interesse, eu acho que seja mais difícil para homem colocar para fora alguns sentimentos. Ele é mais resistente em dizer que ta sofrendo, em dizer que não ta legal, a mulher é mais fácil. O homem é mais resistente é mais fechado. Estou falando de mim, ta?! Eu me sinto mais fechado, mais resistente em falar o que sinto. Mais o que mais me incomoda é a diferença de ritmos, da operacionalização das coisas do dia a dia, desde o acordar ao horário de compromisso, da organização da casa, eu sou organizado ela é desorganizada, e como ela é desorganizada, talvez a desorganização dela seja o maior ponto de conflito, acaba causando demandas para mim e como eu sou organizado e não estou contando com aquela demanda isso me desorganiza e gera um conflito.

Dirceu: São conflitos de opiniões, temos que entrar em acordo, de ideias. Na verdade nós somos muito práticos. Estes conflitos acabamos chegando a uma ideia comum, tem coisa que eu deixo na mão dela, mas têm coisas que decidimos juntos

Visualizamos a partir dos dados coletados que esta categoria esta intimamente relacionada com o conceito de fronteira que é onde a experiência tem lugar, não separa o organismo e seu ambiente, em vez disso limita o organismo, o contem e protege, ao mesmo tempo, em que contata o ambiente (PERLS, HEFFERLINE E GOODMAN (1951/1997, p. 43). Assim, é a partir das diferenças, das fronteiras estabelecidas de cada um, que se torna possível uma convivência saudável na fronteira do “nós”.

3.2.5 – Estratégias para Resolução do Conflito

3.2.5.1 – Comunicação

Ponto de consenso entre os especialistas da área, a comunicação é uma unidade de significado primordial na vida de um casal. A maneira como estabelecem a comunicação oportuniza perceber se a relação tende a apresentar-se de maneira saudável ou não. Nas soluções de conflitos, verificamos que o diálogo foi unânime entre os casais, emergiu no discurso a **valorização da escuta**, bem como a comunicação atravancada que não favorece a solução de conflitos e que tende a emperrar a relação. O “não dito”, um elemento apontado nos estudos, também foi destacado no discurso de um dos casais.

Julieta: Homem e mulher, o casal é um constante aprendizado, o ser humano é volúvel, é uma constante construir, nada está acabado, assim como cada dia melhora um dia pode piorar e acabar. Nós temos uma relação muito aberta. Nos conhecemos muito bem chegando a ser cúmplice um do outro. Nos conflitos sentamos e conversamos, às vezes passamos dois, três dias mais afastados. Na hora em que tem a oportunidade a gente descasca o abacaxi.

Romeu: Solucionamos o conflito através do diálogo, temos um relacionamento profundo, para mim há abertura, além do normal que vejo nos casais. Com a gente é jogo aberto. No frígir dos ovos a gente não tá tão distante, e as duas partes colaboram bastante para que dê certo.

Isolda: É através do diálogo, conversamos muito. Todos os dias antes de dormir a gente conversa. Desde que a gente casou, se tem algo pendente a gente conversa antes de dormir. E muito tem a ver com o fato de eu falar as coisas que eu sinto e de ele ter paciência para escutar o que eu falo.

Tristão: Através da conversa, do diálogo, mas ainda estamos tentando sair dessa grande crise. Alguma coisa tem melhorado, acho que já melhorou bastante, mas estamos tentando afinar estas diferenças. A gente sentar para conversar é uma prática que a gente tem até tentado tornar mais frequente. E isso soluciona, por mais que depois a gente volte a discutir, mas naquele momento soluciona porque todo mundo fala o que tem que falar, coloca para fora o que está sentindo. Eu acho que isso é bom, resolve. Um ouve o outro, o argumento do outro. Por exemplo, saímos de uma crise agora, porque a gente sentou para conversar. Estamos no momento estável como defini anteriormente e essa estabilidade veio depois da última conversa que a gente teve.

Marília: Antes eu brigava muito e não fazia nada para melhorar, hoje em dia não, me permito a fazer, a ir lá ver, mas às vezes há uma briga ou outra tem um gasto, um gasto a mais. No início era assim, mas agora tá tranquilo. Vamos conversar, sentamos e vamos para ponta do lápis, colocamos os gastos no papel. Normalmente, conseguimos solucionar. Temos um relacionamento muito aberto.

Dirceu: Quando surge alguma briga, que são raras, a gente soluciona conversando, não tem outro jeito, não tem outra forma.

3.2.5.2 – Investimento na Relação

A sintonia entre o casal denota a tendência para a resolução dos conflitos de maneira positiva e aumenta a possibilidade em manter a perenidade do casamento, já que há uma maior disponibilidade para que o bem-estar na relação perdure.

Julieta: O meu nível de investimento, não vou te dizer que é total, acho que nada é para todo o sempre, apesar de eu saber e querer que seja para todo o sempre. Não me jogo de cabeça, porque já vi relações que não deram certo por causa disso. Então eu fico sempre com o pé atrás. Mas essa relação para mim é para sempre, até que a morte nos separe, mas eu sempre tenho o pé atrás, mas no que depender de mim e no que eu puder fazer ela será para todo o sempre. Enquanto casal quem prima mais pela harmonia da relação sou eu e ele. É igual.

Romeu: Meu grau de investimento é de 100%, tenho um sentimento muito forte. Ela é explosiva, e no dia a dia isso traz um certo desconforto, e às vezes fico chateado. Acho que sou eu quem investe mais na harmonia do casal. Mas também tem assim, ela briga xinga, se bater o pé ela fica na dela. Não sei, o que tá faltando para ela, é um pouco mais de paciência comigo, com terceiros isso é um pouco maior, e eu critico isso, nas nossas conversas abertas eu critico e falo isso.

Isolda: Eu acho que eu invisto mais na harmonia. Eu faço o possível para gerar um conforto, me antecipo nas situações, tentando intermediar para que tudo fique bem, mas eu tento suavizar a coisa. Apesar de que em alguns momentos eu estou mais encrenqueira, dou uma de chefe de casa.

Tristão: Ela quem chama para a conversa, apesar de eu perceber que precisamos sentar para conversar ela toma mais a iniciativa, percebe e toma a iniciativa. Eu acho que é uma característica pessoal.

Marília: O investimento maior é dele para relação se manter estável. Ele consegue ter a cabeça para separar ele percebe que eu tô precisando eu vejo mais o movimento dele do que o meu. Eu sou um pouco impulsiva, ele é mais tranquilo.

Dirceu: No início ela sempre foi mais de chamar para conversar, sempre foi mais ela.

3.2.6 – Limites para Permanecer na Relação

Esta unidade de significado tem como objetivo coligar no discurso dos casais se a fragilidade dos vínculos apontada nas estatísticas e nas pesquisas realizadas se apresenta no caso específico desta pequena amostra. Identificamos na maioria dos discursos que a **traição**

seria o limite para que houvesse uma desvinculação do casal, já que para estes a **falta de confiança** se faria presente e, conseqüentemente, não seria mais possível permanecer na relação. Um participante revelou que o aumento da frequência dos conflitos seria o ponto limite para dar continuidade à relação.

Embora não percebida há clara demonstração do modo tradicional de pensamento dos casais que relacionam a manutenção da relação à fidelidade.

Julieta: O limite é a traição é algo que eu abomino, mas para que ela aconteça tem muitos degraus antes, então é melhor parar e analisar (...) Chegou o momento em que durante o conflito ele me mandava embora mas acho que ele fazia porque sabia que eu não ia. Quando ele me falava isso eu sentia raiva. Virava e mexe ele me mandava ir embora. Não brigamos de ficar sem nos falar, mas se passar para agressão acabou tudo.

Isolda: Uma deslealdade e não necessariamente uma traição. Deslealdade é misturar traição com egoísmo. Ser desleal é tomar uma decisão sem consultar a pessoa, passar a perna, ser sacana. Por exemplo, tomar decisões muito importantes para nossa vida, que eu gostaria de ser consultada e fazer algo na surdina, escondido. Comprar algo muito caro sem me avisar. Aí eu ia pensar que as coisas não estão bem!

Tristão: O aumento da frequência destes conflitos. Não tínhamos conflitos nenhum, aí casamos e, aí foi um ali, outro acolá, mas se aumentar a frequência fica complicado, porque é melhor evitar que chegue no ponto do desrespeito, chegue num ponto ruim. Muita gente acaba se odiando, como alguns casais, que depois que se separam se odeiam, e acho que isso não é legal. Nós somos pessoas civilizadas. O conflito muito intermitente, o tempo todo, o tempo todo, vai desgastando até o ponto que não dá mais. O importante é perceber o ponto que não dá mais. Assuma isso, do que ficar empurrando para debaixo do tapete, vivendo na infelicidade. Estou me convencendo disso. Nunca parei para pensar em declarar isso, mas depois dos últimos conflitos estou me convencendo disso. Tem que encarar de frente, não tá legal, não tá feliz, bora separar. Anteriormente a tendência era evitar, tocar num ponto que fosse doloroso era não trazer a tona o que tava incomodando.

Marília: Traição não perdoaria. Temos um relacionamento aberto, quando estou insatisfeita com alguma coisa, eu vou procurá-lo, e busco a conversa para resolvermos a situação.

Dirceu: Traição. A relação tem que ser de confiança se eu quero que ela confie em mim eu tenho que ter a mesma confiança nela

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O breve itinerário das histórias amorosas de seis sujeitos descritas nas ricas entrevistas que configuram as memórias colhidas com os três casais e que integram esta dissertação está organizado em campos de sentido. Cada um contou sob seu ponto de vista como se deu o encontro do casal, como é o cotidiano da união, o que esperavam de cada um antes de decidir se casarem, quais os conflitos mais presentes na união, como solucionam o conflito, como lidam com os filhos, com suas famílias de origem e, principalmente o motivo pelo qual se mantêm casados nessa sociedade em que os vínculos são tão fragilizados e a possibilidade de separação é tão facilitada e até mesmo, por que não dizer, incentivada.

Observamos nos relatos que o início das relações amorosas se deu geralmente em situações de convivência grupal, dois casais iniciaram o namoro em sala de aula. Notamos, também, o uso das redes sociais como um meio preponderante de comunicabilidade, pois o casal, Marília e Dirceu, tiveram seu contato inicial através da internet. Este dado nos remete as novas ferramentas de comunicação e sociabilidade que interfere nos processos de subjetivação estabelecidas no mundo pós-moderno que podem ou não ser facilitadores no processo de relação estabelecida entre os pares além de contribuir para forjar identidades (*fakes*) autoconceitos e autoimagens idealizadas ou adoecidas e acirrar e/ou fomentar violência de vários tipos.

Acerca das **expectativas das relações conjugais**, verificamos que ainda hoje permanece o ideal de que o amor e a relação conjugal são “eternos” principalmente no discurso das mulheres, no entanto, para os homens esta categoria também foi observada como fazendo parte do desejo deles. Todos afirmam que casaram desejando que a relação fosse “para sempre”, pois cognitivamente mesmo sabendo que as relações amorosas podem ser transitórias, os sujeitos a vivem como se fosse infundável. Embora percebam, afirmam a possibilidade de separação e o rompimento do vínculo, os casais revelam desejar que a união, se configure como única e eterna.

Sobre as **famílias de origem**, os dados coletados nos mostraram que ainda permeiam sobre os sujeitos as referências que adquiridas em suas relações primárias. Mesmo o sujeito que afirmou não se referenciar nos pais, revelou alguns aspectos que são repetidos em seu lar e, que vivenciou na casa materna. Outro fator, observado é que cada pessoa possui sua representação, muitas vezes idealizada, da própria família e da família do outro, porém, esta se revela no que é

construído a partir dos elementos da realidade concreta vivenciada por ambos. É no dia a dia que o casal irá construir sua própria representação familiar.

Acerca dos **conflitos** na relação, foram identificados três deles como sendo os maiores desencadeadores: **dinheiro, os filhos e as diferenças**. Sobre o **dinheiro**, os casais revelam o desejo de se organizar financeiramente e adquirir bens de consumo, acreditando que esta forma favorece o casamento. Concluímos existir ainda o ideal de que o homem deve manter-se como o provedor do lar.

Ao que se refere à entrada dos **filhos**, observamos a dificuldade do casal em conseguir separar o papel de pais do papel de casal, sendo indicador deste fato uma fronteira rígida. Dificultando assim, ajustes criativos e saudáveis nas interações. Dentre os casais ouvidos, Tristão e Isolda, particularmente, encontram-se em uma situação de crise desde o nascimento da filha. Na literatura da área (FALCETO; VALDEMAR, 2001) é dito que crianças menores tendem a requerer mais dos pais e com o aumento de demandas desta natureza torna-se difícil uma convivência harmoniosa entre o casal, quando as diferenças entre a operacionalização do dia a dia é gritante, como é o caso do casal em questão. O fato é que os filhos podem ser fonte de aproximação e cumplicidade entre o casal, mas também há o contraponto desta afirmativa.

Sobre as **diferenças**, constatamos que o conflito se dá na fronteira entre o âmbito do individual e o que é do âmbito do conjugal, em que não há um estabelecimento de limites, ou seja, das fronteiras, bem como na apresentação de rigidez nestas fronteiras. Corroborando com esta afirmativa, Zinker (2001) revela que esta diferenciação se dá em virtude de que um significado é dado a um conjunto de fatos ou de experiências vividas pelo casal, o constituindo assim um subsistema, do mesmo modo que as fronteiras no sistema dão significado aos subsistemas e possibilitam sua diferenciação.

No entanto, o estabelecimento de limites em diversas áreas do casamento pode favorecer ou não a relação conjugal. O não favorecimento acontece, geralmente, quando emergem dificuldades de entendimento e compreensão das diferenças. Cardella (2009) revela a aceitação como sendo uma possibilidade para lidar com este conflito:

Aceitação é uma atitude de não julgamento, antes de qualquer outra coisa. É deixarmos nosso tribunal mental que avalia o certo e o errado, o bom e o mau, o justo e o injusto. A questão no relacionamento, na maioria das vezes, é lidar com as diferenças, e não achar o culpado ou o errado. Onde só há julgamento há distanciamento e exclusão (CARDELLA, 2009, p. 96).

Neste caso, pontuamos a necessidade da capacidade de discriminação de fronteiras para que haja um contato mais fluído e, conseqüentemente, mais saudável. Pois aceitar o outro é exercitar a capacidade receptiva, já que a rejeição por si só tende a gerar rigidez na fronteira, não oportunizando a integração.

No entanto, para a abordagem gestáltica o conflito possui uma função importante nas interações sociais e na construção da subjetividade dos sujeitos. Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 163) pontuam este aspecto afirmando que a noção de que o conflito, seja social, interpessoal ou intrapsíquico, desperdiça energia é plausível, mas superficial.

Para estes autores, o **conflito** é uma colaboração que vai além do que se pretende, em direção a uma nova figura inteiramente nova. Quanto mais intensamente os envolvidos no conflito discordarem e expressarem suas desavenças, maior a probabilidade de que gerem de modo coletivo uma ideia melhor do que qualquer um deles teve individualmente. (PERLS, HEFFERLINE & GOODMAN, 1997, p. 164). Estas reflexões nos levam a entender que o conflito perpassa a barreira do apenas ser gerador de problemas e dificuldades ao casal, tornando-se, portanto, um canal no qual existem possibilidades de recriações dentro da relação.

Para a **resolução dos conflitos**, os sujeitos participantes da pesquisa revelam que o diálogo é a maneira mais comum encontrada por eles para tentar solucionar alguma questão pendente. Trabalhamos, deste modo, com a categoria **comunicação** por entendermos que engloba além do diálogo (fala verbalizada), os não ditos, o não verbal, as atitudes para com o outro e principalmente a capacidade de escutar o outro. Verificamos que a falta da escuta, ou uma falha neste quesito da comunicação, pode reverberar negativamente para o entendimento do casal.

Ponderamos, também, que é na resolução dos conflitos que os casais tendem a se utilizar dos ajustamentos criativos para lidar com a situação. No discurso de Isolda, a mesma revela que às vezes utiliza-se do recurso de oportunizar um ambiente mais tranquilo quando o marido chega a casa para que este não fique ainda mais aborrecido e mais uma briga seja gerada. Silveira (1998) revela em sua pesquisa que os sujeitos que se utilizam da criatividade no casamento tendem a ter interações mais saudáveis dos que não fazem uso desse recurso.

Outro fator observado foi o elemento **nível de investimento** da relação que ainda esta ligada às estratégias para a solução do conflito. Acreditamos que o investimento é um balizador para que os casais tenham interesse e disponibilidade em rever as questões que os incomodam ou que geram crises em suas relações. Verificamos que se o investimento entre o casal está em sintonia, aumenta a tendência de solução dos conflitos de maneira satisfatória para ambos. Bem

como a possibilidade de ressignificação e, conseqüentemente, a possibilidade de manutenção do casamento.

Para dois dos casais entrevistados, a separação seria possível somente diante uma traição. Assim, 4 participantes afirmam que não suportariam passar por uma **traição**, acreditando que tal fato colocaria fim ao casamento. A participante Isolda traz o conceito de **lealdade** que, segundo a mesma, é mais amplo que uma traição entre homem x mulher, seria uma falta de confiança, de cumplicidade, de compartilhamento de decisões e atitudes. O participante Tristão revelou que o **aumento dos conflitos** entre o casal suscita nele o desejo de separar-se.

Diferente da sociedade líquida moderna preconizada por Bauman (2001, 2004), verificamos que os sujeitos participantes desta pesquisa apresentam atualmente um maior investimento nas relações, demonstrando não compartilhar com os valores fluídos e fragilizados tão observados nas interações sociais e veiculados dentro dos meios de comunicação.

Walter Ribeiro (1998, p. 30) afirma que somos, pois, inelutavelmente, seres-em-relação: crescemos, nos desenvolvemos, nos constituímos e nos formamos nela. Somos ajustes, a integração criativa de nossas idiossincrasias em confronto com as forças e possibilidades externas. Deste modo o casamento se constitui como um palco para que relações se estabeleçam.

No entanto, a sociedade atual vive num emaranhado de reclamações acerca das relações estabelecidas entre gênero, nunca pareceu ser tão difícil o convívio a dois. Observamos uma descrença na possibilidade do acreditar no outro, da troca, da cumplicidade e da disponibilidade de investimento de uma relação que por já iniciar de maneira desacreditada, tende a estar fadada ao fracasso.

Os sujeitos entrevistados demonstraram perceber esta realidade. Elencamos a fala de duas participantes para ilustrar:

Isolda: A impressão que eu tenho é que o casamento na atualidade está muito banalizado. Acho que as pessoas banalizaram muito o casamento. Hoje é muito fácil sair de uma relação, numa boa e começar outra. É como se hoje houvesse pouco investimento. Você briga, você se aborrece, mas há um investimento naquilo, tem uma história com a pessoa, tenho um investimento no meu casamento mesmo com as coisas difíceis eu tento melhorar, ou então tento fazer alguma coisa para que a pessoa perceba que o que ela ta fazendo está me incomodando, mas eu vejo as pessoas casando e descasando numa boa. Acho que falta investimento.

Marília: Casei com 20 anos, era muito nova, as pessoas achavam que não ia dar certo, me surpreendo quando me vejo hoje com 6 anos de união. Vejo as pessoas que casam e se separaram, acho que elas não acreditam muito no relacionamento. Casar é uma coisa que não é fácil, se brigarem vão dormir na mesma cama. Aguentar isso não é fácil, você pode estar P. da vida, mas no outro dia você vai encontrar com a pessoa no café da manhã. Mas eu acho que se você ama, consegue conviver com os defeitos dele e ser amiga, nós somos mais amigos, confiamos um no outro, tem que ter confiança esse é o grande trunfo do nosso casamento (...) antes de casar eu ouvi uma frase: Se não der certo se separa. Então, as pessoas já vão com um ponto negativo para casamento.

Verificamos assim, que os sujeitos, desta pesquisa, mesmo imersos na cultura pós-moderna, veem no casamento uma possibilidade de troca e de nutrição psicológica, pois os discursos dos participantes vão ao encontro da perspectiva estudada no referencial. Assim, o homem busca relacionar-se e encontra no amor e na família a possibilidade de vivenciar essa fonte de afeto e de nutrição.

Vale frisar que nas relações conjugais não comparecem apenas questões positivas, existem também problemas que surgem na convivência diária, pontuamos no capítulo 3 os conflitos conjugais mais comuns, no entanto, existem questões peculiares e de cunho individual as quais referem-se ao desejo de fazer coisas sozinho, ter momentos particulares, não precisar sempre negociar com o outro e escolher por si próprio, por exemplo, que podem gerar desconforto entre os casais, visto que temem perder a individualidade.

Este paradoxo entre a necessidade de estar com o outro e o desejo de preservar a individualidade é bastante estudado nas pesquisas sobre o casamento (SILVEIRA 1998, FERÉS-CARNEIRO, 1998, 2001, 2009; GIDDENS, 1993; JABLONSKI, 1994, 2009; BAUMAN, 2003).

Segundo Cardella (1994, p. 17), o amor implica a capacidade de estabelecer limites entre si e o outro, um contato de boa qualidade e retração, além de espontaneidades e autenticidade. Deste modo, compreendemos que a vida inteira oscilamos no equilíbrio entre liberdade ou separação por um lado, e união e invasão por outro. Cada um de nós precisa ter algum espaço psicológico no qual somos nossos próprios senhores. (POLSTER, POLSTER, 2001, p.112).

Não raro, na vida pós-moderna os casais vivenciam esta ansiedade entre a vida em comum e os desejos individuais. Silveira (1998, p. 6) aponta que, o casamento persiste como uma maneira de os membros de um casal buscarem suas satisfações afetivas, sexuais e emocionais. Deste modo, enquanto totalidade, é fundamental que cada casal possua sua forma de funcionar, já que isto favorece a possibilidade de vivenciar a individualidade e o

compartilhar. Não há receitas que funcionem para todos, cabendo a cada casal ter seus próprios acordos, pactos e códigos. Cada relação que se estabelece é singular, é inédita. (CARDELLA, 2009, p.46).

Verificamos que, atualmente, o casamento é caracterizado por um nível extremo de pressões e exigências, no qual o casal precisa ajustar-se às demandas advindas da sociedade pós-moderna, que determina algumas atitudes como: sucesso profissional, valorização e respeito mútuo pela individualidade e crescimento do parceiro, flexibilização dos papéis de gêneros e relações de igualdade, fazendo parte de um repertório a ser atendido pelo sujeito que “deve” se enquadrar naquilo que é dito como característica da conjugalidade na contemporaneidade.

Assim, concluimos afirmando que hoje o casamento é uma escolha individual, responsável e autônoma baseada em laços de afeto e de afinidades. Atualmente o vínculo matrimonial é baseado em responsabilidades e desejos internos e não em coerções sociais. Assim, o casamento na pós-modernidade se configura mais como uma escolha do que como uma obrigação (CARDELLA, 2009).

Na entrevista realizada com os casais, verificamos que foi possível oportunizar aos participantes reflexões acerca do casamento e de suas implicações para a manutenção ou dissolução do mesmo. Elencamos duas reflexões finais:

Marília: Eu gosto muito de falar sobre casamento, eu me surpreendo em estar há 6 anos casada e eu gosto de passar para as pessoas um pouco da minha experiência, de que pode dar certo, acho que as pessoas não acreditam no casamento, então eu não acho que é dessa forma, temos que ir para fazer dar certo. E isso é às vezes engolir sapo, aprender a conviver com o defeito que todo mundo tem. Mas a gente tem que focar nas qualidades, se eu casei é porque essa pessoa tem qualidades. E eu acho que na hora do conflito as pessoas esquecem disso. O bom humor pode ajudar muito, para lidar com pequenas situações é fundamental, confiança bom humor e amor, sem isso não dá!

Romeu: Pras coisas darem certo, para este (casamento) dar certo tem que ter renúncia dos dois.

Chegamos à conclusão de que os sujeitos desta pesquisa demonstraram ser possível manter-se casado mesmo diante de tantas dificuldades e crises pelas quais passam os casais. No discurso dos participantes emergem como elementos que mantêm o casamento a união, a cumplicidade, a confiança, o amor, o investimento na relação, o uso de ferramentas para lidar com os conflitos conjugais, como o diálogo e a escuta, por exemplo, a capacidade de

estabelecer limites, individualizar-se e conseguir manter o senso de união. Revelam que como limite para a interrupção do vínculo conjugal a traição seria o fator preponderante.

Vale ressaltar que não há uma receita para que o casamento dê certo. Vemos esse compromisso como um sistema no qual cada casal possui sua forma peculiar de vivenciá-lo. O que procuramos demonstrar com esta pesquisa que é possível, mesmo diante de tantas transformações, crises e dificuldades pelos quais passam os casais, o casamento ainda se configurar como uma fonte de encontro.

Assim, acreditamos na intervenção clínica como uma possibilidade para contribuir com as questões referentes às relações conjugais. Em psicoterapia procuramos a instigação de situações inacabadas na situação atual, e por meio da experimentação atual com novas atitudes e novos materiais da experiência do dia a dia concreto, visamos uma integração melhor. (PERLS, HEFFERLINE & GOODMAN, 1997, p. 48). A partir destas premissas pode-se trabalhar com o casal suas implicações na relação estabelecida, no âmbito familiar, observando sua forma de contatar e ajustar-se criativamente.

Esta dissertação de mestrado pretende instigar futuras pesquisas na área dos relacionamentos fundamentadas na abordagem gestáltica, pois sabemos que existem lacunas e que nem todas as possibilidades que o universo das relações conjugais comporta foram trabalhadas nesta pesquisa, no entanto tentamos mostrar a importância de refletir sobre esta temática e inseri-la nos debates acadêmicos.

Portanto, almejo subsidiar a atuação psicoterápica e oferecer à comunidade científica gestáltica mais um referencial teórico, baseado na epistemologia fenomenológica, acerca do casamento contemporâneo e contribuir para os desdobramentos de futuras pesquisas nessa temática.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: Revisitando o debate. In: **PSIC. CLIN.** Rio de Janeiro, vol.17, n 2, p.41-52, 2005.
- ARENT, M. A crise do macho. In: ROSO, Adriane et AL. **Gênero por escrito: Saúde, identidade e trabalho.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- _____. **Vida Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.
- BRAZ, M. **A construção da subjetividade masculina e seu impacto sobre saúde do homem: reflexão sobre justiça distributiva.** Rio de Janeiro: Psicologia e saúde coletiva, 2001.
- BUBER, M. **Eu e Tu.** São Paulo: Cortez, 1981.
- BUCHER, J. S. N. F. **Vínculo conjugal: da união a separação e o controle mútuo do destino. Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal (n. 1).** Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 1996.
- CARDELLA, B. P. **O amor na relação terapêutica: Uma visão gestáltica.** São Paulo: Summus, 1994.
- CARDELLA, B. P. **Laços e Nós: O amor e intimidade nas relações humanas.** São Paulo: Agora, 2009.
- CONNEL, R. W. Políticas da masculinidade. In **Revista Educação e Realidade.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, v.20, n. 2, jul/dez, 1995.
- COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar.** Rio de Janeiro: Graal. 1979
- DINIZ, N. O. Psicoterapia de casal: Uma revisão sobre a eficácia e a eficiência terapêuticas. In: FÉRES- CARNEIRO (org). **Casal e Família: Permanências e Rupturas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- D’NICAIO, M. **A Sentimentos modernos.** São Paulo: Brasiliense, 1996.
- DINIZ NETO, O.; FÉRES-CARNEIRO, T. Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. In: **Estud. Psicol.** Campinas, vol. 22, nº.2, p.133-141, Jun, 2005.
- EVANGELISTA, R. *et al.* **A clínica dos conflitos conjugais: uma possibilidade terapêutica (Psikhê).** São Paulo: FMU, 1999.
- FALCETO; G. R; VALDEMAR, J. O. C. O ciclo vital da família. In: EIZIRIK, C. L *et al.* **O Ciclo da Vida Humana uma Perspectiva Psicodinâmica.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FERES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. In *Reflexão e Crítica*. nº15, p. 379-394. 1998.

_____. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. In: **Estudos de Psicologia**. 2003. p. 367-374.

_____. PONCIANO, E. L. T. **Modelos de família e intervenção terapêutica**. 2003. Disponível em: <http://scielo.bvpspsi.org.br/scielo.php?pid=S1413-29072003000200004&script=sci_arttext>. Acesso em: 25/03/2010.

FÉRES-CARNEIRO T; PONCIANO, E.L; MAGALHÃES, A. S. Família e Casal: da tradição a modernidade. In: CERVERY, O.M. C. (org) **Família em Movimento**. 1ª Ed. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2007.

FERRAZ, M. M. S.; PIRES V. L. Do Machismo ao Masculino. O Vínculo das relações de gênero transformou o homem? In: GHILARDI-LUCENA; OLIVEIRA (orgs). **Representações do masculino: mídia, literatura e sociedade**. Editora: Alínea, Campinas, São Paulo, 2008.

FERREIRA, Wanderléa, B. **(In) visíveis sequelas: Violência Psicológica contra a mulher sob o enfoque gestáltico**. 2010. 109f. Dissertação de Mestrado em Psicologia – UFPA, 2010.

FRAZÃO, L.M.; ROCHA, S.L.C.O. **Gestalt e gênero: configurações do masculino e feminino na contemporaneidade**. Campinas: Livro Pleno, 2005.

GARCIA, M. L. T.; TASSARA, E. T. O. **Problemas no casamento: uma análise qualitativa**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17242.pdf>. Acesso em: 25 /03/2010

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo**. São Paulo: Unesp, 1993.

GONÇALVES, T. A. **E o casamento, como vai?** 1999. 224f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará. Belém, 1999.

GONZÁLEZ REY, F.L. **Pesquisa Qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002

GOODRICH, T. J. et al. **Terapia feminista da família**. Porto Alegre: Artes médicas. 1990.

GHILARD-LUCENA, M. I. Discurso e Gênero: Um questão de identidade. In: GHILARDI-LUCENA e OLIVEIRA (orgs). **Representações do masculino: mídia, literatura e sociedade**. Editora: Alínea, Campinas, São Paulo, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2008. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 out. 2009.

IZUMINO, W. P. **Justiça e Violência contra a mulher: O papel do sistema judiciário na solução dos conflitos de Gênero**. SP: Annablume: FAPESP, 1998.

JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe: A crise do casamento contemporâneo**. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

LAURETIS, T. A tecnologia do Gênero In: HOLANDA, H. B. (org) **Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura**. RJ: ROCCO, 1994.

LINO, M. V. A contemporaneidade e seu impacto nas relações familiares. In: **Revista IGT na Rede**. v.6, nº 10, p. 2-13, 2009. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs/>>. Acesso em: 10 fev. 2010. ISSN 1807-2526

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**, Petrópolis- RJ: Ed. Vozes, 1997.

MACHADO, L. Z. Perspectivas em confronto: Relações de Gênero ou Patriarcado Contemporâneo? In: **Série Antropologia**. Brasília, p. 2-18, 2000.

MAGNOBOSCO, M. M. Mal-estar e subjetividade feminina. In: **Revista Mal estar e subjetividade**. Fortaleza, v. III, n. 2, 2005.

MELLO, L. Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 232 p.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. Ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.

MINAYO, M.C de S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1991

MULLER, B. As Práticas amorosas na contemporaneidade. In: **Saúde, Sexo e Educação**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação, n. 1, 1994.

NERY, P. M. **Vínculo e afetividade**. São Paulo: Ágora, 2003.

OLTRAMARI, L. C. Amor e conjugalidade na contemporaneidade uma revisão de literatura. In: **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 14, n. 4, p. 669-677, out./dez. 2009.

PASSOS, I. C. F. **Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 194 p.

PERLS, F. S. **Ego, fome e Agressão**. São Paulo: Summus, 2002.

_____. HEFFERLINE, R.; GOODMAN. P.; **Gestalt-Terapia**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997.

PIMENTEL, A. Nutrição Psicológica- desenvolvimento emocional infantil. São Paulo: Summus, 2005.

_____. **Cuidado Paterno: enfrentamento da violência**. São Paulo: Summus, 2008.

PIMENTEL, A. et al. Para além do Claustro. In: PIMENTEL, A. *et al.* **Itinerários de pesquisas em psicologia**. Belém: Amazônia Editora, 2010. p. 57-94.

PIMENTEL, A. **Violência Psicológica nas relações conjugais**. SP: Summus, 2011. (no prelo)

_____; OLIVEIRA, I.B.; ARAÚJO, L. Pesquisa qualitativas aplicações em terapia ocupacional e psicologia. In: PIMENTEL, A.; OLIVEIRA, I.B.; ARAÚJO, L. **Pesquisa qualitativas em terapia ocupacional**. Belém: Amazônia Editora, 2009. p. 25-39.

PNAD. **Cresce número de mulheres chefes de família**. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/pnad+numero+de+mulheres+chefes+de+familia+cresce+em+19+estados/n1237771177940.htmlvb>>. Acesso em: 20 out. 2010.

POLSTER, E; POLSTER, M. **Gestalt-terapia Integrada**. Belo Horizonte: Interlivros, 2001.

RIBEIRO, J. P. **Teorias e técnicas psicoterápicas**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.

RIBEIRO, W. **Existência- Essência: Desafios e Práticas das Psicoterapias Relacionais**. São Paulo, Summus, 1998.

ROCHA, S.L.C.O. Gestalt e relações de gênero: a emergência de novas masculinidades e feminilidades nos modos de ser homem e mulher hoje. In: FRAZÃO, L.M.; ROCHA, S.L.C.O. **Gestalt e gênero: configurações do masculino e feminino na contemporaneidade**. Campinas: Livro Pleno, 2005.

SAFFIOTI, H.IB; ALMEIDA, S. de S. **Violência de Gênero - Poder e Impotência**. Rio de Janeiro: Revinter,1995.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica. In: S.O.S. CORPO, Recife: 1991. p.01-27.

SILVA, P. et al. Acerca do debate metodológico na investigação feminista. In: **Port. Cien. Desp.** vol. 5, n 3, p. 358- 370, set 2005.

SILVEIRA, M. T A construção criativa na vida do casal: limites e possibilidades do casamento contemporâneo. 78 pág. (Dissertação de Mestrado) PUC- Rio de Janeiro, 1998.

_____. O papel da criatividade nas relações conjugais: os limites do “eu” e os limites do “nós”. In. **IGT na Rede**. vol. 4, n° 7, 2007. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=165&layout=html>>_. Acesso em: 20 mar. 2010.

TRIGO, M.H. B. Amor e Casamento no século XX. In: D’INCAO, M. A. (org.) **Amor e família no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1989.

TURATO, E.G. Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínica- Qualitativa. São Paulo: Vozes, 2003.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

WALSH, F. Casais saudáveis e casais disfuncionais: qual a diferença? In: ANDOLFI, M. A **crise do casal**. Porto Alegre: Artmed., 2005.

WALTERS, M. Uma Perspectiva feminista da terapia de família. In: PERLBERG, Rosine J. (org). **Os sexos e o poder nas famílias**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

WANG, M. L; JABLONSKI, B; MAGALHÃES, A. Identidades Masculinas limites e possibilidades In: **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 54-65, jun. 2006.

YONTEF, G. M.; Processo, Diálogo e Awareness – Ensaio em Gestalt-Terapia. São Paulo: Summus, 1998.

ZINKER, J. C. **A busca da elegância em psicoterapia**: uma abordagem gestáltica em casais, famílias e sistemas íntimos. São Paulo: Summus, 2001.

ANEXOS

ANEXO A**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Meu nome é KAMILLY SOUZA DO VALE, RG 3535907 SEGUP/PA, mestranda em psicologia clínica na Universidade Federal do Para, sendo orientada pela prof^a Dr^a. Adelma Pimentel, RG 1529478 SSP-PA, Dr^a em Psicologia Clínica, professora do Mestrado e do curso de Psicologia da Universidade Federal do Pará. Estudamos o casamento para conhecer o modo que a conjugalidade é vivenciada pelo casal, a coleta de dados será feita através de entrevista individual. Os participantes serão relacionados a partir da rede de amigos da pesquisadora. Comprometo-me a:

- a) Garantir que a informação envolvida na pesquisa terá a identidade do participante preservada;
- b) Reservar todo o material coletado para a utilização somente para os objetivos deste estudo e eventuais publicações científicas;
- c) Disponer-me, em qualquer momento do estudo para esclarecer dúvidas.

Enfatiza-se, ainda que:

- E garantida a liberdade de deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo ou cobrança;
- O direito de se manter avisado/a sobre os resultados encontrados na pesquisa;
- Não haverá nenhum pagamento pela participação na pesquisa;

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que compreendi as informações do que li ou que me foram explicadas sobre o trabalho em questão. Realizei uma conversa com os autores da pesquisa sobre minha decisão em participar deste estudo, ficando claro para mim qual é o objetivo, os possíveis desconfortos e as garantias de sigilo e de esclarecimento permanentes. Concordo voluntariamente em participar deste estudo podendo retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade e sem prejuízo.

BELEM ____ de _____ de 2010

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Comitê de Ética em Pesquisa - Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará - Complexo de salas de aula/CCS - Sala 14 – Cidade Universitária, n 01, Guamá - CEP:66075-110-Belém-Pará. Tel: 3201-7735

ANEXO B**ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA:**

Identificação dos participantes:

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Sexo:

Tempo de relação conjugal:

Ocupação:

- 1) Como você conheceu seu esposo/a?
- 2) Como você vê seu casamento atualmente?
- 3) Este modo atende sua expectativa antes do casamento?
- 4) Porque escolheu casar?
- 5) Da sua família de origem o que você traz para a relação?
- 6) Existem conflitos? O que geralmente ocasiona o conflito?
- 7) Quais as soluções encontradas p lidar com este?
- 8) Qual (quais) os seus limites para permanecer na relação?
- 9) Quem você acredita que investe mais na harmonia do casal?

ANEXO C

ENTREVISTA: Marília

1) Como você conheceu seu esposo?

R: Eu o conheci na internet no falecido “Mirc”(sala de bate papo). Nos falamos na internet e depois pelo telefone. Ai, logo depois marcamos de nos encontrar e começamos a namorar. Depois de 8 meses de namoro eu o pedi em casamento. Adoro contar a nossa história.

2) Como você vê seu casamento atualmente?

R: Vejo um relacionamento hoje muito mais estável e mais tranquilo, o inicio é a pior fase. No inicio tínhamos muitas brigas por coisas pequenas, hoje em dia pensamos juntos, pensamos como um casal. Conseguimos adquirir esse amadurecimento. Ta bem tranquilo. Casei com 20 anos, era muito nova, as pessoas achavam que não ia dar certo, me surpreendo quando me vejo hoje com 6 anos de união. Vejo as pessoas que casam e se separaram, acho que elas não acreditam muito no relacionamento, casar é uma coisa que não é fácil, se brigarem vão dormir na mesma cama. Agüentar isso não é fácil, você pode estar P. da vida, mas no outro dia você vai encontrar com a pessoa no café da manhã. Mas eu acho que se você ama, consegue conviver com os defeitos dele e ser amiga, nos somos mais amigos, confiamos um no outro, tem que ter confiança esse é o grande trunfo do nosso casamento.

3)O que é um casamento estável para você?

R: Ter um relacionamento tranquilo com companheirismo e amor.

4) Esse modo atual pelo qual passa o seu casamento atende sua expectativa?

R:Supera minha expectativa, como eu casei muito nova. As pessoas achavam que eu não conseguir ficar casada muito tempo e no fundo eu achava isso, que não ia conseguir um relacionamento duradouro, antes de casar eu ouvi uma frase: Se não der certo se separa. Então, as pessoas já vão com um ponto negativo para casamento. E eu pensei que ia fazer de tudo para dar certo. Procurei companheirismo, e ele é muito mais que um marido, ele é um companheiro, meu ombro amigo, um porto seguro para mim.

5) Por que escolheu casar?

R: Eu escolhi casar porque queria um companheiro. Procurei companheirismo, e ele é muito mais que um marido, ele é um companheiro, meu ombro amigo, um porto seguro para mim.

6)Trás alguma referência da sua família de origem para o seu casamento?

R: Os pais dele são minha referência de casal. Minha referência de família mudou, eu acho que existe confiança na forma como eles se relacionam, estão sempre juntos, tem bom humor, eles brincam muito um com o outro. Da minha família de origem não sei te dizer o que trago, mas me vejo fazendo coisas pequenas, mas não é forte, coisas como conversar com ele enquanto se arruma para trabalhar, minha mãe faz isso com meu pai e isso eu não vejo nos pais deles, e eu faço isso.

7) Existem conflitos?

R: Com certeza nosso maior ponto de conflito é a questão financeira. Ele é mais organizado com isso, eu às vezes, principalmente antes, não me preocupava tanto com isso e ele acabava se aborrecendo, então entrávamos em conflito. Eu não me interessava em sentar conversar, organizar, fazer planos e projetos, por exemplo, se deveríamos trocar o carro ou não. E no início com o nascimento da G. (filha do casal) foi muito difícil, adaptar uma nova pessoa, ter a noção de que tinha uma terceira pessoa na família. Dividir a atenção dela com ele, mas ele foi muito compreensivo, e o mais importante é que consegui perceber que foi comigo. Não entramos em conflito e ele contribuiu muito para isso.

8)Como vocês solucionam o conflito?

R: No início quando eu brigava não fazia nada para melhorar a situação. Era bem difícil, porque ele tem um jeito de ser e eu tenho outro, até a gente se organizar nisso, demorou um pouquinho. É a fase de adaptação Antes eu brigava muito e não fazia nada hoje em dia não, me permito a fazer, a ir lá ver, mas às vezes há uma briga ou outra tem um gasto, uma briga. No início era assim, mas agora tá tranqüilo. Vamos conversar, sentamos e vamos para ponta do lápis, colocamos os gastos no papel. Normalmente, conseguimos solucionar. Temos um relacionamento muito aberto.

9) Qual o seu limite para permanecer na relação?

R: Traição não perdoaria. Temos um relacionamento aberto, quando estou insatisfeita com alguma coisa, eu vou procurá-lo, eu que busco a conversa.

10) Quem investe mais na relação?

R: O investimento maior é dele para relação se manter estável. Ele consegue ter a cabeça para separar ele percebe que eu to precisando eu vejo mais o movimento dele do que o meu. Eu sou um pouco impulsiva, ele é mais tranqüilo.

Reflexões: Eu gosto muito de falar sobre casamento, eu me surpreendo em estar há 6 anos casada e eu gosto de passar para as pessoas um pouco da minha experiência, de que pode dar certo, acho que as pessoas não acreditam no casamento, então eu não acho que é dessa forma,

temos que ir para fazer dar certo. E isso é às vezes engolir sapo, aprender a conviver com o defeito que todo mundo tem. Mas a gente tem que focar nas qualidades, se eu casei é porque essa pessoa tem qualidades. E eu acho que na hora do conflito as pessoas esquecem disso. O bom humor pode ajudar muito, para lidar com pequenas situações é fundamental, confiança bom humor e amor, sem isso não dá!

ANEXO D

ENTREVISTA: DIRCEU

1) Como você conheceu sua esposa?

R: Ela já deve ter te dito que nosso primeiro contato foi na internet, né?! *O encontro foi fantástico, a gente procura encontrar alguém, e a internet para mim era uma válvula de escape. Conhecer uma pessoa pela internet é complicado, mas aconteceu, se não fosse ali seria depois. De alguma forma, sinto que iria encontrá-la.*

2) Qual a visão que você tem do seu casamento?

R: *Nosso grau de maturidade hoje em dia, tem pessoas que demoram muito para encontrar. Temos situações de entendimento. A gente sabe que podemos confiar no outro. Vejo meu casamento maduro, porque conversamos muito e confiamos um no outro. Ter uma estabilidade que é a tranquilidade que você vive no dia-a-dia, com companheirismo, respeito e aceitação do outro.*

3) Este modo atende sua expectativa?

R: *Sim! Eu sempre esperei alguém que me amasse, que eu amasse e que gostasse da minha família e que minha família gostasse. Meus pais vão fazer 50 anos de casados, e eu tenho uma relação familiar, então eu a amo, ela me ama ela gosta da minha família. Então o casamento atende minha expectativa, no início foi mais difícil, mas foi adaptação. Foi uma história muito curta namoramos só 8 meses. Nunca tinha morado só então no primeiro dia me perguntei: o que eu to fazendo aqui, na lua de mel foi ótimo, mas depois da viagem me vi aqui só com ela, ela tem as questões pessoais dela e eu as minhas, no primeiro ano foi mais difícil, mas nunca de querer separar. Com o nascimento da nossa filha, acho que tudo ficou melhor. Ela sentiu um pouco, mas para mim foi tão importante que parece que nos uniu mais. Ela (filha) só nos dá alegrias.*

4) Por que escolheu casar?

R: *Tem uma hora em que você é cobrado a constituir família. Eu já estava com quase 30 anos e ainda não tinha casado, foi quando a conheci. Nos demos super bem e eu não pensei duas vezes. Escolhi casar para constituir isso tudo o que tenho e que te falei agora.*

5) Você trás alguma referência da sua família de origem?

R: Sim! *meus pais são minhas fontes de inspiração. Companheirismo amizade, a brincadeira. Confiança, estar sempre conversando, isso eu trago da relação deles.*

6) Existem conflitos na relação de vocês?

R: *São conflitos de opiniões, temos que entrar em acordo, de idéias. Na verdade nós somos muito práticos. Estes conflitos acabamos chegando a uma idéia comum, tem coisa que eu deixo na mão dela, mas tem coisas que decidimos juntos.*

7) Como vocês solucionam quando existem algum conflito?

R: *Quando surge alguma briga, que são raras, a gente soluciona conversando, não tem outro jeito, não tem outra forma.*

8) Qual o seu limite para permanecer na relação?

R: *Traição. A relação tem que ser de confiança se eu quero que ela confie em mim eu tenho que ter a mesma confiança nela.*

9) Quem mais investe na harmonia do casal?

R: *No início ela sempre foi mais de chamar para conversar, sempre foi mais ela.*

ANEXO E

ENTREVISTA: JULIETA

1) Como você conheceu seu esposo?

R: *Estava fazendo um cursinho preparatório para concurso e sentávamos perto um do outro. Te confesso que não ia muito com a cara dele, mas aí num dia depois da aula, conversamos e nos tornamos amigos. Eu tinha saído de um relacionamento conturbado e ele também, logo depois começamos a namorar.*

2) Como você vê seu casamento atualmente?

R: *Hoje temos nosso espaço, nossa casa. Amadurecemos muito em nosso relacionamento. Acho que às vezes reclamo demais, pois quando paro para pensar me dou conta de que meu casamento é bom.*

3) Este modo atende sua expectativa antes do casamento?

R: *Eu sempre tive um lado tradicionalista, namorar, noivar e casar e foi assim que aconteceu comigo! Meu sonho era arranjar um namorado de ter a primeira relação sexual com ele, de casar e ficar junto p sempre”. E, sabe, é difícil dizer que não é do jeito que eu imaginava: Eu sempre imaginei a gente casar, ter filhos, mas eu engravidei antes de casar, só que perdi o bebe e mesmo assim decidimos casar, mas eu imaginava que a gente ia crescer juntos, mas tem momentos que ele sai do que eu pensava, mas às vezes para melhor. Mas tem coisas que me incomodam.*

4) Você usou a palavra estável para definir tua relação, o que estabilidade para você?

R: *Estável para mim é não brigar muito, termos nosso lugar, um trabalho, nossas coisas.*

5) Por que escolheu casar?

R: *Eu sempre sonhei em constituir família, ter um lar, uma casa, marido e filhos. Poder ter meu lugar, meu espaço, minhas coisas. Escolhi casar para poder vivenciar isso. Como te falei anteriormente, antecipei meu casamento porque engravidei, mas eu já pensava nisso muito antes.*

6) Em quem você se inspira para manter a relação? Traz alguma coisa da sua família de origem para a sua relação?

R: *Da família de origem trago a fidelidade. Minha referencia é a mamãe, eu tenho a imagem da Vovó e da mamãe, depois que cresci vi que a mamãe trouxe isso dela. Porque na relação da mamãe eu a via sempre integra, ela é fiel, a mamãe sempre teve o lado dela e ele sempre respeitou isso. Ela sempre foi a figura exata, sempre foi mulher, sempre foi mãe. Eu trago de lá essa forma, agressão física eu nunca vi. Carrego a forma dela ser comigo, tanto o jeito dela ser de forma conjugal quanto o jeito como pessoa.*

7) existem conflitos na relação de vocês?

R: *O ponto de briga são as finanças. Esse é o nosso de conflito, eu ganho x e gasto x e acabo que conto com ele, acabo gastando tudo. Mas é ele quem sustenta a casa. Eu fico com as roupas, para mim, pra ele e para o filho. Ele ganha mais do que eu e digo p ele que me tirar esse gastar é uma renuncia. Outro ponto de conflito e que ele é desorganizado e eu não, e isso me irrita. E acaba gerando brigas. Outro exemplo, também me sinto sobrecarregada com as coisas que preciso dar conta em casa. O cuidado com o nosso filho, os afazeres domésticos. Às vezes sinto que ele não tem noção de quantas coisas são necessárias, por exemplo, tem festinha na escola, precisa comprar presente para amiguinha que faz aniversário*

8) Qual (quais) os seus limites para permanecer na relação?

R: *O limite é a traição é algo que eu abomino, mas que ela aconteça tem muitos degraus antes, então é melhor parar e analisar.*

9) Quais as soluções para lidar com o conflito:

R: *Chegou o momento em que durante o conflito ele me mandava embora mas acho que ele fazia porque sabia que eu não ia. Quando ele me falava isso eu sentia raiva. Virava e mexe ele me mandava ir embora. Não brigamos de ficar sem nos falar, mas se passar para agressão acabou tudo, mas tu sabes, né?!Homem e mulher, o casal é um constante aprendizado, o ser humano é volúvel, é uma constante construir, nada está acabado, assim como cada dia melhora um dia pode piorar e acabar. Nós temos uma relação muito aberta. Nos conhecemos muito bem chegando a ser cúmplice um do outro. Nos conflitos sentamos e conversamos, às vezes passamos dois, três dias mais afastados. Na hora em que tem a oportunidade a gente descasca o abacaxi.*

10) Quem investe mais na harmonia da relação?

R:*O meu nível de investimento, não vou te dizer que é total, acho que nada é p todo o sempre, apesar de eu saber e querer que seja p todo o sempre. Não me jogo de cabeça, porque já vi relações que não deram certo por causa disso. Então eu fico sempre com o pé atrás. Mas essa*

relação para mim é para sempre, até que a morte nos separe, mas o eu sempre tenho o pé atrás, mas no que depender de mim e no que eu puder fazer ela será para todo o sempre. Enquanto casal quem prima mais pela harmonia da relação sou eu e ele. É igual.

Reflexões: *Achei importante conversar sobre esse tema, por que às vezes vivemos o dia a dia e não paramos para pensar nas nossas relações, como te disse eu reclamo muito dele, mas agora conversando contigo, vejo que também tenho os meus erros, as minhas questões. Vou parar para pensar antes de reclamar e ficar brigando.*

ANEXO F

ENTREVISTA: ROMEU

1) Como conheceu sua esposa?

R: Foi na sala de aula, num cursinho para concurso. Ela era amiga de uma amiga, sentávamos próximos e fomos nos aproximando. Ficamos amigos e depois começamos a namorar.

2) Como você vê seu casamento atualmente?

R: Vejo o casamento como estável, e para mim é ter sintonia com a pessoa que você está vivendo, ter um pensando quase no mesmo sentido, não dá para ser 100% mas 80%. Pras coisas darem certo, para este (casamento) dar certo tem que ter renúncia dos dois. Temos só um filho e trabalhamos e isso ajuda muito para que a coisa ande.

3) O que é estabilidade para você?

R: Estabilidade para mim é: eu ajudá-la e ela me ajudar nas coisas para nossa família. É essa sintonia que eu acabei de falar. De não necessariamente pensar tudo igual, mas 80% sim.

4) Este modo atende sua expectativa antes do casamento?

R: Nunca fiz um projeto assim longe, sempre foi no dia a dia mesmo. Tem que viver o momento, sempre pensei assim.

5) Por que escolheu casar?

R: Constituir família, ter minha esposa e filhos.

6) Da sua família de origem o que você trás para o seu casamento?

R: O casamento da mamãe já dura 40 anos e uns trocados, meu pai nunca deixou a gente com fome, na rua fazendo farra. Ele é minha referência, primeiro a casa depois o resto. Sempre dei preferência para a minha família, as vezes o trabalho prevaleceu, e eu tendo a seguir este caminho.

7) E conflitos? Existem conflitos na relação de vocês?

R: *Cada um tem seu problema, as suas dificuldades e a minha companheira com relação as finanças, esse é o ponto de conflito entre nós. Desorganização meu e dela finanças. Faço projetos financeiros e ela não. E além do mais, todos os relacionamentos que eu vejo que foram abalados, tem a ver com situação financeira ou com relacionamentos paralelos. Não adianta mulher e homem são diferentes. Mulher age com o coração, e na fidelidade sempre a questão é culpa do homem, e na maioria das vezes é por satisfação própria e por instinto, o satisfazer os amigos. Outro ponto é na criação do nosso filho eu ajudo no que eu posso, apesar de confessar que deixo tudo mais a cargo dela. Tenho uma ótima relação com ele, mas as vezes eu ela brigamos porque não concordo com algumas posturas dela em relação a ele. Isso gera um conflito entre nós.*

8) E como vocês solucionam os conflitos?

R: *Solucionamos o conflito através do diálogo, temos um relacionamento profundo, para mim há abertura, além do normal que vejo nos casais. Com a gente e jogo aberto. No frigar dos ovos a gente não tá tão distante, e as duas partes colaboram bastante para que de certo.”*

9) qual o seu limite para permanecer na relação?

R: *O meu limite é muito alto, eu agüento muita coisa em vários sentido. Sou paciente. Não sou muito carinhoso, tenho o meu jeito de tratar as pessoas. Sou retraído.*

10) Qual seu grau de investimento na relação?

“Meu grau de investimento é de 100%, tenho um sentimento muito forte. Ela é explosiva, e no dia a dia isso traz um certo desconforto, e as vezes fico chateado. Acho que sou eu quem investe mais na harmonia do casal. Mas também tem assim, ela briga xinga, se bater o pé ela fica na dela. Não sei, o que tá faltando para ela é um pouco mais de paciência comigo, com terceiros isso é um pouco maior, e eu critico isso, nas nossas conversas abertas eu critico e falo isso.”

ANEXO G

ENTREVISTA 3: ISOLDA

1) Como conheceu seu esposo?

R: *Foi na faculdade. Estudávamos juntos, fazíamos trabalho em grupo e como morávamos perto um do outro vínhamos juntos para casa, todos os dias. Até que um dia começamos a namorar.*

2) Qual sua visão atual do seu casamento?

R: *Casamento é companheirismo, acima de tudo. Dividir a tua vida com uma outra pessoa, o que não é fácil. A impressão que eu tenho é que o casamento na atualidade está muito banalizado. Acho que as pessoas banalizaram muito o casamento. Hoje é muito fácil sair de uma relação, numa boa e começar outra. É como se hoje houvesse pouco investimento. Você briga, você se aborrece, mas há um investimento naquilo, tem uma história com a pessoa, tenho um investimento no meu casamento mesmo com as coisas difíceis eu tento melhorar, ou então tento fazer alguma coisa para que a pessoa perceba que o que ela tá fazendo está me incomodando, mas eu vejo as pessoas casando e descasando numa boa. Acho que falta investimento.*

O meu casamento hoje está passando por um momento instável. Assim, já estamos saindo desse momento na verdade, porque começamos a namorar em 99 e já tínhamos 11 anos juntos, neste tempo vivemos 10 anos só nos dois, as coisas eram mais fáceis para gente, fluíam mais naturalmente. Com a o nascimento da nossa filha a coisa fica difícil, tem que pensar em arrumar berço, carrinho, papinha, estamos passando por um momento de adaptação depois da vinda dela. Continuamos assim do jeito que éramos antes, amigos, a gente se gosta, mas às vezes se aborrece com pouca coisa. A gente está ensaiando uma melhora. Mas esse semestre foi difícil. Filho dá trabalho. Às vezes tu tá cansado e se aborrece com besteira. Mas é isso que eu digo, assim que é um investimento. Então tu pensa assim: Estou pegando pesado, tenho que me segurar e ele também, aí a gente dá um passo para trás e ele também faz isso”.

3) Você usou a palavra instável para referir o momento atual, o que seria um casamento estável para você?

R: *Um casamento estável não é a ausência de conflitos, porque isso é impossível, mas é poder manter o companheirismo, fazer as coisas juntos, ter mais paciência um com o outro, por exemplo.*

4) Este modo, pelo qual passa seu casamento atualmente, atende suas expectativas antes do casamento?

R: *Hoje eu acho que não atende. Eu achava que uma criança não me mexia muito com a rotina do casal. Agora ela está andando então os dois precisam estar atentos. Estamos num momento atípico, e agora não consigo separar sem a situação do filho. Não tínhamos mais tempo para sair. Mas quando eu casei, um dia eu me vi pensando: Será que em algum momento não terá mais coisa nova para fazer? Mas, não. Mas por exemplo, antes a gente tava junto e cada um ia para sua casa, e depois que casamos íamos para casa juntos, cozinhávamos juntos, fazíamos várias coisas juntos, então depois de casar foi até melhor do que eu imaginei. Mas esse momento agora que é delicado por causa da criança. Mas depois de casar a expectativa foi além daquilo que eu esperava.*

5) Por que escolheu casar?

R: *Eu acho que eu queria construir uma família, mas eu acho que também não era só isso. Quando você está no papel de filha na casa primária, aonde eu vivia numa casa que tudo era administrado pela minha mãe e pelo pai. Então, eu buscava ter uma família e de ter a minha liberdade. Antes de casar eu era muito ligada ao meu pai e minha mãe ao que eles falavam, quando eu casei, eu comecei assumir mais as coisas. Eu já tinha 25 anos, já trabalhava tinha o meu dinheiro e quando casei me senti mais livre para fazer mais coisas que eu queria. Tem a ver com a liberdade. Encontrei a liberdade. O meu esposo não é uma pessoa que prende. Ele é ciumento, mas não demonstra, e ao mesmo tempo ele é muito a favor da liberdade. De que a gente não pode está preso a determinadas coisas, precisamos viver, e isso me ajudou a quebrar muitas amarras.*

6) Da sua família de origem o que você trás para o seu casamento?

R: *Meus pais são pessoas que se respeitam muito, eles se aborreciam um com o outro, mas nunca ninguém gritava, chamava palavrão, mas assim, eu acho que eles foram exemplos até um certo ponto. Eles são muito diferentes e eu não sei nem como eles conseguem viver nessas diferenças. Eu e o meu esposo somos mais parecidos. E também observo uma amiga que eu também vejo como referência de mãe. Outra coisa muito forte é que a minha família é muito vinculada. Minha família materna, sempre passamos natal junto, sempre estamos juntos, os momentos importantes sempre estamos, juntos, somos muito companheiros. Temos nossas diferenças eu, meu pai, minha irmã e minha mãe. Mas conseguimos nos entender. Esse coisa de que querer estar juntos sempre perto. Isso coisa é da minha casa”.*

7) Quais os conflitos mais comuns entre vocês?

R: *Eu acho que tem algumas coisas, que, por exemplo, tem coisas que eu trago de casa, né?! Na minha casa as pessoas são mais vinculadas e na família dele mais desvinculados, ele mora em Belém e a família dele em Macapá. Eu falo todos os dias com a minha mãe e ele com a mãe*

dele uma vez ou outra. Ele acha que filhos a gente cria p mundo e eu penso que vou criar um filho para ficar aqui. Eu sou mais maternal e ele liberal. E às vezes entramos em atrito com isso. Ele às vezes não me participa algumas situações da família dele porque ele é desligado e eu não, e quando sei da situação por outra pessoa isso me deixa mal. E agora na criação com a filha vem a minha forma maternal e a dele liberal e isso gera um conflito, mas ele tem uma forma muito legal. Eu sou mais quente de brigar, de falar e ele é mais tranqüilo, mais calmo. Ele digere as coisas com mais calma do que eu. E os conflitos são mais fáceis de lidar pela forma dele. Porque se os dois fossem da mesma forma que eu, ia ser mais difícil. Hoje ele está um pouco mais brigão e eu um pouco menos.

8) Como vocês solucionam o conflito?

R: É através do diálogo, conversamos muito. Todos os dias antes de dormir a gente conversa. Desde que a gente casou, se tem algo pendente a gente conversa antes de dormir. E muito tem a ver com o fato de eu falar as coisas que eu sinto e de ele ter paciência para escutar o que eu falo.

9) Qual o seu limite para permanecer na relação?

R: Uma deslealdade e não necessariamente uma traição. Deslealdade é misturar traição com egoísmo. Ser desleal é tomar uma decisão sem consultar a pessoa, passar a perna, ser sacana. Tomar decisões muito importantes para nossa vida, que eu gostaria de ser consultada e fazer algo na surdina, escondido. Comprar algo muito caro sem me avisar. Ai eu ia pensar que as coisas não estão bem!

10) Quem você considera que investe mais na harmonia da relação?

R: Eu acho que eu invisto mais na harmonia. Eu faço o possível para gerar um conforto, me antecipo nas situações, tentando intermediar para que tudo fique bem, mas eu tento suavizar a coisa. Apesar de quem em alguns momentos eu estou mais encrenqueira, dou uma de chefe de casa.

Reflexões: *A gente está num relacionamento a gente conversa, mas não fica analisando a coisa de fora e agora com a entrevista fiquei pensando, fiquei de fora analisando assim, eu acho que, por exemplo quando tem um conflito uma situação, assim de briga, eu devia pensar mais nas coisas do que eu falei agora, porque tem coisas melhores do que coisas ruins e tem alguns dias que dá tudo errado, mas eu seguro e não falo, mas na cabeça fica um sensação ruim. Às vezes, eu nem precisava ficar com isso na cabeça e o que eu acredito é, se é uma relação importante, é legal pensar não só no que fala, mas no que pensa também. Mas a rotina às vezes impede esta reflexão.*

ANEXO H

ENTREVISTA: TRISTÃO

1) Como você conheceu sua esposa?

R: *Foi na faculdade. Éramos da mesma turma.*

2) Como você vê seu casamento, hoje?

R: *Depois de 4 anos e meio, não posso dizer que já passamos por tudo, mas já passamos por momentos bons e momentos não tão bons. O primeiro ano de casamento foi muito difícil. É aquele momento de adaptação, as manias, aos hábitos que você não tem acesso quando só namora. A gente teve um relacionamento logo antes do casamento, mas dividir 24 horas o mesmo teto, tem alguns complicativos. O primeiro ano foi um pouquinho difícil neste sentido, aí depois o segundo ano já foi de mais estabilidade maturidade. E aí foi melhorando, depois da crise do primeiro ano veio um marco no casamento q foi o nascimento da bebe que acabou de completar 1 ano. E que aí também começa a gerar outros conflitos que até então estavam mais tranqüilos. A bebe fez 1 ano e agora, nos tivemos uma outra crise, por múltiplos fatores, mas eu acho que a presença da criança influenciou bastante porque você não se dedica tanto, é um fator de estresse a mais, demanda mais tempo, você tem que conciliar atenção a criança o que demanda muito trabalho, é uma demanda a mais e só por ser uma demanda a mais isso já causa, muitos conflitos. E agora com 1 ano já ta maiorzinha e eu espero que esse momento de dificuldade, tenha uma tendência a acalmar, como aconteceu no primeiro ano de casados. Eu acho que é cíclico. Acho que os fatores vão acontecendo e a gente tenta superá-los, juntos. Hoje vejo meu caso estável, mas já estive instável há uma semana atrás. Mas hoje está estável. Já conversamos, já nos entendemos.*

3)Essa estabilidade é o que para você?

R: *Estabilidade é não vivenciar tantos conflitos. Como eu tinha 7 anos de relacionamento, viajamos juntos, eu achava que já tinha vivido conflitos suficientes, já nos conhecíamos o suficiente para não ter que viver determinadas coisas no casamento, então não esperava que houvesse esse estremecimento, não esperava. Eu esperava encontrar uma continuidade daquela vida.*

4) Este modo atual pelo qual passa o seu casamento, atende sua expectativa?

R: *Essa forma atual não atende minha expectativa,, porque eu achava que como eu tinha 7 anos de relacionamento, viajamos juntos, eu achava que já tinha vivido conflitos suficientes, já nos conhecíamos o suficiente para não ter que viver determinadas coisas nos casamento, então não esperava que houvesse esse estremecimento, não esperava. Eu esperava encontrar uma*

continuidade daquela vida (puro engano) [esta frase o participante diz no meio da fala, como se falasse para si mesmo] de tranquilidade porque a gente tinha um relacionamento muito tranquilo. Tem casais e casais, né?! Mas a gente não era de brigar, não lembro de nenhuma briga assim de alteração. De namoro ao noivado nunca tivemos um atrito, nada. Era perfeito demais para ser verdade Minha expectativa era que fosse uma continuidade, de tranquilidade, eu pensava se deu tudo tranquilo até agora afinal, vivemos tanto tempo juntos, afinal de contas 7 anos são muito tempo, eu imaginava: esta relação não tende a colher tantos problemas no futuro! Por isso que não atendeu minha expectativa. Quando eu casei, eu era tão certo disso que essa coisa de separação não passava pela minha cabeça. Nunca cogitei, mas de um tempo para cá e do jeito que as coisas vão acontecendo, você começa a pensar sobre isso. Até conversei com ela outro dia sobre isso.

5) Por que escolher casar?

R: Chega um ponto na vida que você observa que já é a hora. Escolhi casar porque encontrei alguém que amava, tínhamos uma convivência muito boa antes do casamento, viajavamos juntos, quase não brigávamos. Achava isso ótimo.

6) Da sua família de origem o que toma como referência?

R; Não tenho nenhuma referência familiar, me baseio no que eu entendo que é bom sobre relacionamento. O que eu penso que pode ser interessante para o relacionamento saudável. Sobre relação que eu fui construindo ao longo da minha vida. Dos meus pais. Mas eu não me espelho nem na minha casa, nem no meu pai e nem na minha mãe e nos outros casais que eu conheço não conheço suficiente para servir como padrão. Eu trago coisas da minha família de origem, mas não serve como parâmetro [participante refere-se ao relacionamento dos pais, maneira de relacionar de ambos], mas o respeito, o gostar do convívio familiar, são algumas qualidades que eu vivi que eu trago para o meu casamento, mas não é o parâmetro.

7) Você me falou de alguns conflitos que estão vivendo atualmente, mas quais são os pontos de maior conflito entre vocês?

R: Diferença de Ritmos, da operacionalização das coisas do dia a dia, desde o acordar ao horário de compromisso, da organização da casa, eu sou organizado ela é desorganizada, e como ela é desorganizada, talvez a desorganização dela seja o maior ponto de conflito, acaba causando demandas para mim e como eu sou organizado e não estou contando com aquela demanda isso me desorganiza e gera um conflito.

8) Como vocês solucionam os conflitos?

R: Através da conversa, do dialogo, mas ainda estamos tentando sair dessa grande crise. Alguma coisa tem melhorado, acho que já melhorou bastante, mas estamos tentando afinar estas diferenças. A gente senta para conversar é uma prática que a gente tem até tentado

tornar mais freqüente. E isso soluciona, por mais que depois a gente volte a discutir, mas naquele momento soluciona porque todo mundo fala o que tem que falar, coloca para fora o que está sentindo. Eu acho que isso é bom, resolve. Um ouve o outro, o argumento do outro. Por exemplo, saímos de uma crise agora, porque a gente sentou para conversar. Estamos no momento estável como defini anteriormente e essa estabilidade veio depois da última conversa que a gente teve.

9) Qual o limite para permanecer na relação?

R: O aumento da freqüência destes conflitos. Não tínhamos conflitos nenhum, aí casamos e, aí foi um ali, outro acolá, mas se aumentar a freqüência fica complicado, Porque é melhor evitar que chegue no ponto do desrespeito, chegue num ponto ruim. Muita gente acaba se odiando, como alguns casais, que depois que se separam se odeiam, e acho que isso não é legal. Nós somos pessoas civilizadas O conflito muito intermitente, o tempo todo, o tempo todo, vai desgastando até o ponto que não dá mais. O importante é perceber o ponto que não dá mais. Assuma isso, do que ficar empurrando para debaixo do tapete, vivendo na infelicidade. Estou me convencendo disso. Nunca parei para pensar em declarar isso, mas depois dos últimos conflitos estou me convencendo disso. Tem que encarar de frente, não tá legal, não tá feliz, bora separar. Anteriormente a tendência era evitar, tocar num ponto que fosse doloroso era não trazer a tona o que tava incomodando.

10) Para você quem investe mais na harmonia entre casal?

R: Ela quem chama para a conversa, apesar de eu perceber que precisamos sentar para conversar ela toma mais a iniciativa, percebe e toma a iniciativa. Eu acho que é uma característica pessoal. Ela fala mais do que eu, eu falo menos. Eu acho que o homem é mais difícil na discussão da relação, para discutir relação. Mas eu acho que não é falta de interesse, eu acho que seja mais difícil para homem colocar para fora alguns sentimentos. Ele é mais resistente em dizer que ta sofrendo, em dizer que não ta legal, a mulher é mais fácil. O homem é mais resistente é mais fechado. Estou falando de mim ta?! Eu me sinto mais fechado, mais resistente em falar o que sinto.

Reflexões: *Conversar sobre isso agora, é tranqüilo, não me sinto incomodado porque temos (casal) falado mais sobre isso, se fosse há um ano trás talvez teria me sentindo mais incomodado. Penso: Que bom que chegamos a conclusão que precisamos conversar sobre [questões que incomodam], talvez alguns casais não tenham percebido a dificuldade que é em aparar estas arestas e isso causa resistência em se permitir a discutir, e levar a situação para outro rumo. (solucionar o conflito). Tenho disponibilidade para ressignificar, por mais que no inicio da conversa para discutir estas questões conflituosas no começo seja muito difícil. Porque tudo é muito quente. Cada um tem seu argumento. O que mantém a gente é que alguém acaba cedendo.*